



O SR. PRESIDENTE (Paulo Azi. Bloco/DEM - BA) - Declaro aberta a 27ª Reunião Extraordinária de Oitiva, de forma híbrida, presencial e remota, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, da 3ª Sessão Legislativa Ordinária, destinada à oitiva da Deputada Flordelis, do PSD do Rio de Janeiro, representada no Processo nº 22, de 2021, referente à Representação nº 2, de 2021, da Mesa Diretora, sob relatoria do Deputado Alexandre Leite, do DEM de São Paulo.

Quero cumprimentar as Sras. e Srs. Parlamentares e todos aqueles que acompanham esta reunião e convidar o nobre Deputado Hiran Gonçalves, 1º Vice-Presidente desta Comissão, que se encontra presencialmente no plenário deste Conselho, que assuma a Presidência da presente reunião para conduzir os trabalhos na tarde de hoje.

Agradeço a todos.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Obrigado, Presidente.

Ilustre Relator, Sras. e Srs. Deputados, em conformidade com o art. 5º, parágrafo único, do Ato da Mesa nº 123, de 2020, que regulamenta a Resolução nº 14, de 2020, está dispensada a leitura da ata.

Em votação a ata da 26ª Reunião deste Conselho de Ética, realizada no dia 11 de maio de 2021.

Os Deputados que aprovam a ata permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovada a ata da 26ª Reunião deste Conselho, realizada no dia 11 de maio de 2021. Comunicações.

Com relação à Representação nº 17, de 2019, em desfavor do Deputado Daniel Silveira, comunico que ontem, dia 12 de maio, foi encaminhado ao Supremo Tribunal Federal requerimento do Relator, Deputado Alexandre Leite, no qual se solicita material resultante da perícia nos dispositivos eletrônicos do representado, cujo laudo foi recebido por este Conselho de Ética e encaminhado ao Deputado Daniel Silveira.

Ordem do Dia.

Registro e agradeço a presença da Sra. Deputada Flordelis, representada no Processo nº 22, de 2021, Representação nº 2, de 2021.

Registro também a presença do Dr. Anderson Rollemberg, que participa desta oitiva remotamente, e da Dra. Janira da Rocha, advogados da Deputada Flordelis.

Para o bom andamento dos trabalhos, os procedimentos a serem adotados nesta reunião serão os seguintes: inicialmente, a representada, Deputada Flordelis, usará a



palavra para suas considerações pelo tempo de 25 minutos, prorrogáveis a critério desta Presidência.

Em seguida, será dada a palavra ao ilustre Relator, Deputado Alexandre Leite, para suas indagações, que também poderão ser feitas em qualquer momento desta oitiva.

Logo após, farei a chamada dos Parlamentares inscritos para inquirirem a representada, de acordo com a lista de inscrição, chamando-se, primeiramente, os membros do Conselho, que terão o prazo de 10 minutos para formularem suas perguntas, com 3 minutos para réplica.

Será concedida aos Deputados que não integrarem o Conselho a metade do tempo dos membros, isto é, 5 minutos, e 3 minutos para réplica.

O Deputado que usar da palavra não poderá ser aparteado, e a representada não será interrompida, exceto pelo Presidente ou pelo Relator.

Após os questionamentos dos Parlamentares, será dada a palavra aos advogados de defesa, exclusivamente para inquirir a representada, se assim desejarem.

Será concedido prazo para comunicações de Lideranças, conforme o art. 66, § 1º, do Regimento Interno desta Casa. Os Vice-Líderes poderão usar a palavra pela Liderança mediante delegação escrita do Líder — art. 66, § 1º, do Regimento Interno.

Convido o ilustre Relator para compor a Mesa. Já está aqui presente. E convido também, para que tome assento à mesa, a nossa Deputada Flordelis.

Por favor, Deputada Flordelis, fique à minha direita. (*Pausa.*)

Antes de passar a palavra para a nobre Deputada Flordelis, eu queria informar às Sras. Deputadas, aos Srs. Deputados, a todos os que participam desta oitiva que houve uma solicitação da imprensa para participar desta audiência, e o Presidente, por conta da pandemia e pela biossegurança de todos os que estão aqui presentes, indeferiu-a. Mas, até por conta de bom senso — e eu pediria a devida vênias do Presidente Paulo Azi —, considerando que eu concedi o tempo de aproximadamente 3 ou 4 minutos para uma equipe que está aqui tomar imagens, eu também, pelo princípio da equidade, vou permitir que a imprensa, de uma maneira geral, possa entrar, fazer tomadas de 3 ou 4 minutos e logo em seguida se retirar.

Dando sequência à nossa oitiva, passo a palavra à Deputada Flordelis, por 25 minutos.

Deputada Flordelis, por favor.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Boa tarde, Deputado Hiran Gonçalves, que está presidindo esta Comissão no dia de hoje. Não posso deixar de dar meu boa tarde — não sei se está assistindo — ao Presidente da Comissão, Paulo Azi. Boa tarde, Relator Alexandre Leite. E, cumprimentando os Deputados, o Presidente, o Deputado que está presidindo e o Relator, eu quero cumprimentar todos os outros Deputados e Deputadas que fazem parte desta Comissão. Eu vou tentar falar em pouco tempo, no pouco tempo que eu tenho, e, se possível, se for necessário, eu vou pedir um pouquinho mais de tempo, mas se for necessário, porque eu vou tentar resumir nesse pouco tempo o que a minha vida se tornou depois do dia 16 de junho de 2019. Eu tinha uma vida, esta que desde o dia 16 de junho de 2019 estão tentando destruir a qualquer custo, a qualquer preço. De forma cruel e desumana, estão tentando fazer isso comigo. Eu sou uma mulher, criada na Favela do Jacarezinho, que hoje teve o seu nome mudado para comunidade, mas a realidade continua a mesma. A falta de oportunidades para as crianças, os adolescentes e os nossos jovens continua. E a consequência disso nós vimos poucos dias atrás na Favela do Jacarezinho, onde eu fui criada, com a morte de jovens. Eu quero prestar a minha solidariedade aos familiares. Que Deus conforte o coração de todos os familiares desses jovens que morreram no Jacarezinho e também dos familiares do policial que ali foi morto. Que Deus conforte o coração desses familiares. Senhores, eu gostaria de entender o que a minha vida se tornou depois do dia 16 de junho. Veio uma avalanche de acusações que têm me causado grandes sofrimentos, que têm me causado grandes dores. Um desses sofrimentos está acontecendo aqui hoje nesta Casa, está acontecendo aqui hoje nesta sala, está acontecendo aqui hoje nesta Comissão de Ética. É um sofrimento, é uma dor estar aqui. Eu lutei muito para conquistar o meu mandato. Estar num processo de cassação do meu mandato é um sofrimento muito grande, porque eu lutei demais, eu trabalhei demais. Passei por muitas dores, por muitas perseguições. Como eu já disse, eu fui criado numa favela. Como eu já disse, passei por preconceitos por ser mulher. Eu enfrentei preconceitos por ser mulher e os enfrentei até hoje. Enfrentei preconceitos por ser negra e os enfrentei até hoje. Eu queria entender — e queria pedir isso a todos os pares que fazem parte da Comissão de Ética — o porquê de eu estar com o meu mandato sendo cassado. Como eu já falei, eu lutei muito para chegar até aqui. Há um processo contra mim, mas eu ainda não fui julgada. Eu queria lembrar a esta Casa uma injustiça que houve no passado. Houve um *impeachment* de um Presidente, e ele foi inocentado no dia do seu julgamento. Eu queria



pedir que não façam o mesmo comigo. Que me deem oportunidade de continuar trabalhando. O meu mandato é a chave que eu tenho para abrir portas para ajudar pessoas das comunidades do meu Estado. O meu mandato é para que eu continue lutando para tirar meninos e meninas do paredão da morte, como eu já tirei vários. Meninos de 8, 12, 15 anos, que, sem grandes oportunidades na vida, ingressam no tráfico de drogas e, quando erram, são cruelmente levados para o paredão da morte. O meu mandato é a chave para que eu leve oportunidade para essas comunidades, para essas crianças, para esses adolescentes e para esses jovens. Dentro desse processo que me trouxe a esta Comissão de Ética já há réus confessos. Eu fui acusada de ser a mandante de um assassinato. Sequer eu pude ter oportunidade de chorar a perda de alguém muito importante na minha vida. Eu fui acusada de mandar matar o meu marido por poder e dinheiro. E eu pergunto: que poder? Que dinheiro, se a casa em que eu moro até hoje é financiada? E nem estou pagando o financiamento da minha casa. Só não perdi a minha casa porque um dos dois homens que Deus levantou anos atrás para me ajudar na minha jornada, que por mais de 15 anos pagaram os aluguéis das casas em que morei, continua pagando o financiamento dessa casa. Senão, nem casa eu teria para morar no dia de hoje. Que dinheiro é esse que dizem ser o motivo pelo qual eu mandei matar o meu marido? Eu só tinha 6 meses de mandato. Eu estava começando neste Parlamento o meu trabalho. Se os senhores perguntarem, indagarem, o meu marido era uma peça principal nesse trabalho. O apelido do meu marido nesta Casa era "Quinhentos e Quatorze". Muitos Deputados desta Casa nem o chamavam pelo nome. Passavam pelos corredores e diziam: *"E aí, Quinhentos e Quatorze?"* A Parlamentar era eu, mas o articulador era ele. Eu quis fazer um seminário de adoção nesta Casa, porque eu acredito na adoção. Lugar de criança não é dentro de abrigos nem morando na rua. Criança precisa ter uma casa, ter um lar, ter uma família. A ideia foi minha, mas o articulador foi o meu marido. Se forem perguntar aos técnicos do meu partido, o PSD, do qual eu fui suspenso, vocês vão ouvir de todos os técnicos que toda a articulação do meu seminário de adoção foi feita pelo meu marido junto com os técnicos. Os *banners*, o convite para cada convidado... Ele era muito importante, ele era as minhas pernas. Perguntem ao Presidente Rodrigo Maia, à época Presidente desta Casa. Eu fui até ele e pedi que ele deixasse, que ele autorizasse a entrada do meu marido junto comigo no plenário, porque eu não tenho vergonha de dizer que tenho limitações, que eu dependia dele. Eu levei essa dependência ao Presidente da Casa, e ele, gentilmente, humanamente,



aceitou e autorizou que fosse dado um crachá para que meu marido entrasse no plenário junto comigo. Como eu disse, nesse processo já há réus confessos, mas mesmo com esses réus confessos eu continuo com o carimbo de assassina, eu continuo sendo chamada de assassina. E eu pergunto: por que esse carimbo de assassina? A única resposta que eu vejo para essa indagação, todos os dias, que eu faço a mim mesma é que a minha desgraça é por eu ser uma pessoa pública, porque, antes de ser Parlamentar, eu já era uma cantora gospel renomada, conhecida no Brasil e fora do Brasil. A minha história foi contada num documentário por atores renomados deste País. A minha história foi contada em um livro, e o tema desse livro... Eu estou correndo aqui com aquilo que eu quero falar. O tema desse livro, Relator, Presidente, é a incrível história da mulher que venceu a pobreza e o preconceito para ser mãe de 50 filhos. Essa mulher, da favela, negra, tem nome: Flordelis. Sou eu. Por que o rótulo de assassina, mesmo com réus confessos, continua sobre as minhas costas? Porque a minha desgraça vem de anúncios nos horários nobres, porque a minha desgraça faz blogueiros preconceituosos... Eu sou chamada por esses blogueiros preconceituosos de "Carandilis" todos os dias. É um desrespeito todos os dias! É o trabalho deles, mas que eles o façam com respeito, porque eu sou mulher, eu sou negra, eu sou da favela, mas eu mereço respeito. E eles usam a mídia para me chamar de "Carandilis" todos os dias. Blogueiros preconceituosos sem nenhuma misericórdia vão para a rede social me chamar de "Flordelícia". Para quê? Estão a fim de ganhar mais seguidores, me usando, me desrespeitando. Só pra conseguirem mais seguidores, por eu ser uma pessoa renomada. A minha desgraça, infelizmente, Relator e Presidente, é boa para alguns políticos do meu Estado, que pretendem herdar os meus quase 200 mil votos que eu conquisei — vou repetir — com o meu trabalho. Eu não entrei nesta Casa de paraquedas, eu não caí aqui de paraquedas, eu tenho uma história. Eu tenho uma história. A minha desgraça, e esse rótulo, e esse carimbo de assassinada, também é para destruir o meu nome, diante dos falsos cristãos. Eu vou repetir: falsos cristãos. Eu não estou dizendo que são todos, mas existe um pequeno grupo de falsos cristãos que querem a qualquer custo continuar me agredindo, continuar me rotulando de assassina, para conquistar os fiéis das igrejas que, infelizmente, Relator, eu tive que fechar. Se vocês forem ao Banco do Brasil desta Casa, metade do meu salário fica no banco, de empréstimo, que eu peguei para pagar dívidas dessas igrejas antes de fechar, para honrar com o nome de Deus, com o nome do meu marido e com o meu nome também. É horrível e terrível esse rótulo de assassina. Eu não mandei matar



meu marido. Ele não era só meu marido, ele era meu amigo, ele era meu parceiro. Nós tínhamos uma parceria, ele viajava comigo por todo o canto desse País e fora desse País. Eu me tornei cantora renomada pelo meu talento, pela minha voz, mas foi através das articulações que ele fez. Se forem à gravadora, vão ouvir também que às reuniões, às principais reuniões era ele quem ia. Por qual motivo eu mandaria matar o meu marido, meu articulador, meu parceiro, meu amigo? Me deem um motivo. Não vão encontrar. Já tentaram de tudo para encontrar, e não conseguiram. E aí, tentando manchar o meu nome, foram para a mídia, foram usar redes sociais, canais de jornalismo, para a desconstrução da minha imagem. Me chamaram de várias coisas. Eu fui açoitada e estou sendo açoitada todos os dias um pouco pela mídia, por blogueiros; até de careca me chamaram, coisa que eu não sou, mas, se fosse também, o que isso tem a ver com o crime? Eu queria que focassem algo que é principal e primordial: um crime aconteceu. O que tem a ver esse crime com eu ser careca ou não? O que tem a ver esse crime se há anos atrás, coisa que eu não fiz, Presidente — colocaram nas redes sociais, na televisão, para todos, para denegrir a minha imagem —, fui chamada de frequentadora de casa de suíngue, coisa que eu não fiz? Mas o que tem a ver isso com o crime? O que isso tem a ver, gente? Eu estou falando isso aqui para vocês perceberem o tamanho da covardia que estão fazendo. Estão jogando um pano em cima da verdade para vender a capa do livro que vende, que tem nome, *Flordelis*. Eu virei pária para o Governo, para a Direita, para a Esquerda, seja lá quem for desta Casa que quer surfar nos louros da mídia, que clama pelo meu sangue! Eu ainda não fui julgada. Eu queria a oportunidade de continuar com o meu mandato, eu queria a oportunidade de continuar com o meu trabalho. Essa oportunidade eu vim pedir no dia de hoje: de continuar com o meu mandato, de continuar com o meu trabalho. Me deem essa oportunidade. Vou repetir: eu ainda não fui julgada. Fui mandada para júri popular, mas eu digo com convicção, na minha alma, que eu serei inocentada, porque eu sou inocente. E já há réus confessos nessa situação. Apesar de já ter réus confessos e hoje eu saber os motivos... Hoje eu sei os motivos que levaram ao assassinato do meu marido; hoje eu sei os seus motivos, mas eu não sabia. Eu quero aproveitar essa oportunidade nessa Casa para chamar a atenção das mulheres desta Casa Parlamentares, que falam de... que falam de unidade, que falam de união. Mas onde estão as mulheres desta Casa, que sequer se levantaram para me estender a mão, para me ouvir, para me escutar? Quero aproveitar para dizer às mães de todo o País que precisam trabalhar como eu... Eu já vendi



refrigerante na praia, eu já fiz quentinha para fora. Enquanto os meus filhos... Eu tinha 14 bebês para cuidar. De uma vez só, chegaram 37 crianças na minha casa, oriundas da Central do Brasil, e eu fiquei com todas elas. Eu nunca deixei de trabalhar. Enquanto os meus filhos dormiam, eu ficava madrugada adentro cortando bordado de divisa do quartel: da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. As divisas eram cortadas em casa, e eu pegava numa firma, num bairro chamado São Cristóvão, essas divisas e passava madrugadas cortando bordado para ganhar dinheiro para sustentar os meus filhos. Isso não bastava. Então eu fazia quentinha para vender para a firma de segurança no bairro do Rio Comprido. Isso não bastava. Quando tinha Fogueira Santa... Eu amava quando tinha Fogueira Santa da Igreja Universal porque eu ia para a praia para vender refrigerante para sustentar os meus filhos. E eu lavei roupa para fora, não tenho vergonha disso. Então eu venho a essa Casa pedir a oportunidade de continuar, porque hoje não tiraram só o meu marido. Estão tentando tirar a minha vida. Hoje o que sobrou para mim foram os meus familiares, os meus amigos e um grande grupo de pessoas de todo esse País que mandam mensagem para mim de apoio, de fé, de encorajamento dizendo : *"Não desista! Nós confiamos e acreditamos em você, Flordelis"*. São pessoas de todos os Estados deste País. Hoje o que me restou, além dos meus amigos, apoiadores e minha família, é a metade do meu salário, é a parte do salário de Parlamentar, para sustentar os meus filhos, porque eu ainda tenho muitos em casa. Eu ainda tenho filhos menores em casa, eu crio meus netos, eu crio com a metade do salário que ganho de Parlamentar. Não me tirem isso! Falar em caçar o meu mandato é tirar a comida da mesa dos meus filhos — eu vou repetir —, por um crime que eu não cometi e pelo qual sequer ainda fui julgada. Eu queria pedir humanidade a esta Casa: que deixem eu continuar com o meu mandato; que deixem eu ir até o fim do meu mandato; que esperem o julgamento, no qual — eu vou repetir — com certeza serei inocentada. Não há provas contra mim, nem terão, porque eu não fiz isso. Colocaram também na mídia que eu desrespeitei o Judiciário. Isso é uma mentira! Eu já estou encerrando. O que o meu pai me ensinou, a minha vida inteira, foi respeitar as pessoas, foi respeitar as autoridades. Princípios são eternos. O que o meu pai me ensinou permanece dentro de mim. Eu nunca desrespeitei uma autoridade. Colocaram na mídia que, mesmo com ordem de não visitar os meus filhos, eu fui visitar os meus filhos. Outra grande mentira, Relator! Outra grande covardia! Eu fui sim ao presídio, mas as visitas já estavam proibidas pelo Governador do meu Estado. Eu nunca usei o meu título de Deputada, o meu privilégio,



para entrar dentro de presídio nenhum, para visitar filho nenhum. Eu quero que mostrem as imagens então, porque nos presídios há imagem. Mostrem as imagens: eu visitando, eu falando com um dos meus filhos. Não vão encontrar, porque isso é uma mentira. Eu fui sim, durante a pandemia, ao Bangu, em São Gonçalo, levar comida e remédio. Falaram para mim que eu tinha privilégios, que o meu carro podia entrar. Indicaram-me o órgão que eu tinha que procurar. Eu até anotei o nome do órgão para procurar, mas eu olhei a fila e vi lá um monte de mães como eu, no sol quente, na fila. E eu disse: por que eu tenho que entrar direto? Não! Eu não fui eleita pelo povo para ter esse tipo de privilégio! Eu ficava na fila, Relator, no sol quente, como mãe, para levar remédio, comida, só custódia, mais nada. Nunca fui visitar filho nenhum, nunca desrespeitei nenhuma ordem. Eu andei quase 3 quilômetros a pé no dia que o ônibus quebrou, passando mal, porque há dias eu não comia, para conseguir chegar na porta do presídio, para deixar a custódia. Mais nada do que isso. Mais uma mentira sendo falada contra a minha vida. Eu queria que vocês refletissem nessas mentiras. Já estou encerrando. Eu queria que vocês refletissem nessas mentiras.

(Desligamento automático do microfone.)

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Eu vou lhe conceder mais 5 minutos para a senhora encerrar a sua explanação.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Obrigada. É isso que eu tinha para falar. Eu queria que vocês pensassem, refletissem, para que uma injustiça não seja cometida nesta Casa. Que a injustiça não seja cometida com a minha vida. Me deixem continuar com o meu mandato. Me deixem continuar com o meu trabalho. Eu não parei com o meu trabalho de Parlamentar. Eu continuo visitando comunidades. E ser Parlamentar é uma chave que abre portas onde a Flordelis só como pessoa física não conseguiria. Me deixem continuar com meu mandato. Vou repetir: eu fui eleita pelo povo através do meu trabalho e da minha história. Eu tenho uma história. Me deixem ficar e concluir o meu mandato. Obrigada, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Obrigado, Deputada.

Passo em seguida a palavra para o ilustre Relator, o Deputado Alexandre Leite.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Boa tarde, Presidente Hiran, Dra. Janira, Sras. e Srs. Deputados, Deputada Flordelis, todos funcionários, brasileiros e brasileiras que nos acompanham.



Deputada, V.Exa. acaba de narrar alguns fatos aos quais eu faço questão de, inicialmente, fazer menção. Essas ofensas e calúnias que são feitas na rede mundial de computadores são passíveis de processo. V.Exa. tem total liberdade de, junto aos seus advogados, promover as devidas ações. E elas não são objeto desta representação. Então, não cabe a este Relator ou a esta Comissão se pronunciar sobre isso. A questão que trata de suingue, mencionado por V.Exa., isso também não é objeto, não é trazido aqui, até porque, como Relator, estudando o processo, tentei ao máximo poupar detalhes de depoimentos de pessoas referentes à sua trajetória, à sua vida ou à sua conduta pessoal, porque o processo como um todo já macula a imagem da Câmara. Já é difícil para a Câmara dos Deputados ter um processo como esse em andamento, independentemente da sua culpabilidade.

Mas já nessa questão em que se indagou, entre aspas, o "suingue" mencionado por V.Exa., eu faço a primeira pergunta, que foi uma das primeiras alegações feitas por V.Exa., no dia do cometimento do crime, referente à versão em que é perseguida por uma moto até a sua casa e essa versão foi completamente desmentida pela polícia. Não existe gravação, não existe percurso, não existe moto — aliás, existiu uma moto que não perseguiu, se desviou muito longe da sua casa.

A questão que ficou pendente de explicação foi a localidade, aonde você foi com o Pastor Anderson naquela noite antes do crime. Esta é a primeira pergunta.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Posso responder?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Por favor, Deputada.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sobre a moto, se olhar o depoimento que eu disse, eu não disse que a moto foi até a minha, até a minha rua, me seguindo. Foi até um determinado ponto. Eu percebi na madrugada, obviamente com as ruas desertas, uma moto com dois, com duas pessoas, dois homens — acho que são, estavam de capuz, de casaco. Então chamou a minha atenção aquela moto com dois homens, dois rapazes, e ela foi até um determinado ponto. Mas depois, quando eu entrei na rua da minha casa, eu disse bem claro em depoimento que eu não vi mais esta moto lá na rua, na rua da minha casa. Em momento nenhum eu disse isso. Eu saí com meu marido depois de um dia de muito trabalho. Eu lavo roupa na minha casa. Eu lavei roupa. E depois fui para a rua comprar comida, fui fazer compra com alguns dos meus filhos. Fiz a primeira compra, voltei. Levei outra leva de filhos, porque eu faço revezamento com os meus filhos, porque são muitos.



Depois de um dia de trabalho, cansada, era um dia de folga, sem agenda, e o meu marido ficou em casa assistindo televisão, quando eu cheguei, já beirando a noite, ele não estava em casa, ele estava na casa de um dos meus filhos que mora no mesmo terreno, trabalhando. Quando ele voltou para casa, eu fiz janta para nós, fiz bife, batata frita.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, perdão.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - E ele me chamou para sair. E eu saí, Relator.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Isso, referente à noite do acontecimento.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Atravessamos a ponte, fomos para Copacabana Eu não sei muito falar nome de lugares, eu não sou muito de prestar atenção. Quem me conhece sabe que eu ando o tempo inteiro que eu estou dentro do carro, eu ando jogando joguinho no celular para não ficar amedrontada por nada. E é o meu *hobby* fazer joguinho no celular, e o único tempo que eu tenho para fazer isso é quando eu estou no carro, é o único tempo livre que eu tenho. Então eu fui para Copacabana e lá nós lanchamos, eu e meu marido, e fomos para um outro lugar namorar, mas dentro do carro, na praia, no carro, não em casa de suingue, como estão falando.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. disse que fez bife, batata frita e posteriormente esteve...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Só um minutinho, Deputado Alexandre, só para esclarecer a ilustre representante da nossa Deputada que o nosso Relator, pelo nosso Regimento, ele não pode ser interpelado. A senhora vai ter um tempo adequado para fazer a inquirição.

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Eu gostaria de dizer a V.Sa. que a senhora terá o tempo necessário para fazer a inquirição à sua representada.

Volto a palavra para o Relator.

Deputado Alexandre Leite, por favor.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. lembra de ter feito bife e posteriormente ter comido em um restaurante, como acaba de alegar. Lembra o que comeu nesse restaurante?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Nós fomos, como de costume, eu e meu marido, eu gosto muito de isca de peixe, isca que vende em quiosque de praia, em



restaurantes próximos a praias. Meu marido tinha comido bem pouquinho em casa, e a gente já tinha um tempinho na rua, quando ele me chamou para comer junto com ele. Eu disse: eu não estou com muita fome. Pedimos um só, isca de peixe foi o que nós comemos. E ainda ficou no prato antes de sairmos para outro lugar para namorarmos.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Está o.k. Deputada, a senhora disse com todas as palavras aqui da ajuda, do reforço, de como era prestativo ao seu mandato o Pastor Anderson, de como ele te ajudava. Ele tinha uma autorização especial para andar aqui na Câmara, no plenário, participava de grupos com Deputados, enfim, de tudo aquilo inerente à sua própria atividade parlamentar. E agora V.Exa. briga pela manutenção do seu mandato, tendo perdido o seu principal articulador. A pergunta que eu faço é: justamente sem esse articulador, sem essa pessoa que conduzia tudo à frente do seu mandato, por qual motivo nós deveríamos mantê-la no mandato de Deputada Federal?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Porque eu conquistei...

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu conquistei...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - A senhora me dá licença, por favor, Deputada Flordelis?

Eu gostaria de falar com sua representante que ela vai ter — reforço aqui — seu tempo adequado para fazer a inquirição. Eu queria que nós pudéssemos respeitar o nosso Regimento, para que as coisas transcorram aqui na mais absoluta normalidade, dando à nossa Deputada Flordelis, que é a representada, todo amplo direito de defesa, para que ela não se sinta aqui, de nenhuma forma, restringida no seu direito de esclarecer o que está perguntando o nosso ilustre Relator.

Muito obrigado!

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ilustre Relator, depois da morte do meu marido, minhas pernas foram quebradas. Meu principal articulador, o maior que eu tinha, foi arrancado de mim. Mas eu não podia e não posso parar. Tenho o povo das comunidades do Rio de Janeiro que precisam de mim. Eu tenho uma missão a cumprir. Então, eu fui fazer faculdade de ciências políticas para poder aprender aquilo que eu estava aprendendo através do meu marido. Fora disso, eu tenho a humildade de ligar para alguns Deputados, quando eu não entendo de determinados assuntos da Casa, para perguntar, porque a vida é feita de aprendizado. A gente leva a vida inteira aprendendo sobre tudo, sobre todas as



coisas. Eu entrei nesta Casa e estou aprendendo a ser uma Deputada Federal. Por isso, eu continuo e peço que me deixem continuar com meu mandato.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, diante disso — aí, eu chego ao objetivo da pergunta —, o nosso compromisso eu faço questão de reler: *"Prometo manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral do povo brasileiro, sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil"*. Eu ouço V.Exa. defender economicamente o seu mandato, eu vejo V.Exa. defender que quem exercia de fato o seu mandato era o Anderson, mas não consigo enxergar — eu gostaria que V.Exa. pudesse dizer — de que forma poderia cumprir com seu juramento, diante de todas essas acusações.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Mesmo diante de todas essas acusações, eu não parei o meu trabalho social. Eu acredito no trabalho social, eu acredito em oportunidades. Como eu já disse aqui, Excelência, eu continuo trabalhando como Parlamentar nas comunidades do Rio de Janeiro, eu continuo com o meu trabalho de Parlamentar. Eu não parei, apesar de ter perdido o meu maior articulador, apesar de ter perdido o meu parceiro. Eu continuo o meu trabalho, porque a missão sempre foi minha. O trabalho social sempre fui eu quem fiz. Ele era o articulador para me dar conforto, para que eu pudesse exercer muito mais ainda o trabalho de ir para as ruas no momento de enchentes, de ir para dentro das comunidades enfrentando o tráfico de drogas para tirar meninos e meninas do paredão. O meu trabalho social não parou com a morte do meu marido, não parou com essas falsas acusações. Eu continuo trabalhando, porque é esse trabalho que tem me dado força, é ajudando o povo do meu Estado que tem me dado força para continuar viva.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. e o Pastor Anderson, diante da sua atuação parlamentar, combinada com a parceria com ele, em alguma ocasião chegaram a divergir de opinião de voto aqui na Câmara dos Deputados? V.Exa., em alguma votação, divergiu e gostaria de ter votado diferente de alguma orientação que ele tivesse dado?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, não, de voto, não, até porque eu votava com a minha consciência e também votava de acordo com meu partido. Ao entrar nesta Casa, uma das coisas que eu aprendi é que política se faz em grupo, e nunca de forma solitária. Isso eu aprendi e é um aprendizado que eu vou continuar levando comigo. Então,



sempre votei com o meu partido e com a minha consciência. Nunca houve divergência, porque o meu marido nunca me tratou como um ditador, ele nunca me forçou a nada. Então, eu votava de acordo com meu partido e de acordo com minha consciência.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - E o que levava tantos Deputados e as pessoas ao redor a acreditar que ele exercia esse papel de um outro Deputado?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - O trabalho é dinâmico, meu marido era um homem muito dinâmico. Ele era muito ativo. Quando veio para cá, comigo, ele veio como meu parceiro, como era já em toda a minha vida. Nós sempre fomos parceiros, trabalhamos juntos, fazíamos tudo juntos, dividíamos nossas tarefas. E não foi diferente nesta Casa. Ele veio para somar comigo, e não para dividir. Então, ele veio para somar, para que eu pudesse exercer muito melhor o meu mandato, para que eu pudesse dar orgulho, ainda mais, para os meus eleitores e para a minha família.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Com um pouco mais de precisão, V.Exa. pode nos dizer o que de fato ele fazia? O que exatamente ele fazia nesse auxílio?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Quando eu estava nas Comissões, eu fazia parte da Comissão de Seguridade Social e Família. O Deputado Hiran algumas vezes creio que me viu na Comissão de Seguridade Social e Família. Eu era muito ativa na Comissão de Seguridade Social e Família. Enquanto eu estava na Comissão, tinha Prefeitos, pessoas que iam até o gabinete, e ele ficava lá para receber e atender melhor essas pessoas, para marcar um novo horário, uma nova data para que eu pudesse recebê-los. Ele ficava fazendo esse papel. Quando eu precisei fazer o seminário de adoção — como eu já falei aqui, eu queria muito esse seminário de adoção —, eu comecei a andar pela Casa para saber como se fazia isso. E o meu marido me deu suporte. O que ele fez foi me dar suporte. Ele também participava comigo da bancada evangélica, frequentávamos os cultos da bancada evangélica juntos. E ele logo se tornou amigo de alguns Deputados e jogava bola também às terças-feiras. Por isso, ele se tornou uma pessoa muito presente, até pelas amizades que foram feitas dentro desta Casa.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O Pastor Anderson exercia o papel de ser o 46... o 47º Deputado do Rio de Janeiro, vamos dizer, de certa forma. A polícia e o Ministério Público trazem uma versão de que V.Exa. teria arregimentado pessoas etc., para o cometimento do crime, mas que a motivação teria sido poder e dinheiro. Conforme narra aqui, perante este Conselho, claramente ele exercia amplo poder sobre seu mandato. Teria



sido essa conduta, esse exercício amplo de poder e interferência no seu mandato, uma das motivadoras a ter feito ou justificar o que o Ministério Público ou a polícia do Rio de Janeiro acusam a senhora?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Meu marido não exercia esse poder que estão falando. Ele era meu parceiro, nós tínhamos uma cumplicidade. Se perguntar, nós dividíamos tarefas. Nós nunca tivemos nenhum tipo de brigas por poder. Agíamos juntos em todas as coisas: na igreja, pastoreando, viajando como cantora. Eu vou repetir aqui, meu marido — eu já tinha esse poder, eu sou a Deputada Federal —, ele me dava o suporte que eu precisava, que ele sempre me deu em toda a nossa vida, em toda a nossa história. A Deputada sou eu, nunca foi o meu marido. Se estão falando isso, é mais uma outra mentira que estão tentando usar para tentar me incriminar de algo que eu não fiz.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, independente da sua culpabilidade ou inocência, V.Exa. acredita que a repercussão desta representação tenha trazido prejuízo à imagem da Câmara dos Deputados?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Como assim? A repercussão do caso?

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - A repercussão do seu caso, por si só, tudo que ele traz consigo.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, há repercussão de vários casos, não só da Flordelis. Há vários casos na mídia que trazem prejuízo.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Eu não trato de outros casos. Eu estou indagando V.Exa. sobre o seu caso, Deputada.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Não. Não. Eu não sou uma vergonha para o Parlamento, eu não trago nenhum prejuízo para o Parlamento, porque eu não sou uma assassina.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Então, V.Exa. não acredita que exista indício de autoria e materialidade que maculem a sua imagem nesse processo?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O fato de V.Exa. ser acusada pelos próprios filhos não macula a imagem que V.Exa. prega de uma família unida, de que adotou 50 crianças, uma figura completamente altruísta? Essa acusação partindo de vários dos seus familiares, que vem do seio familiar, de dentro de sua família contra V.Exa., isso não macula a imagem de V.Exa., a imagem da sua família?



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Há história de outras famílias onde filhos traíram seus pais, filhos mataram seus próprios pais. Não são vários, de 55 filhos, 6 ou 7, 7 sete filhos. Se olhar para a história, vão ver que 6 desses filhos foram por interesse financeiro trabalhar na Prefeitura de São Gonçalo ou em algum cargo político levados pelo principal acusador. Então, eles foram por interesse financeiro.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O Pastor Anderson, então, agia junto a V.Exa. em formato de cumplicidade, como acaba de dizer, mas gerenciava 40% de toda a renda da igreja, todo o lucro que entrava. Isso não é exercer poder sobre V.Exa., ainda que financeiro?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, não. Nós tínhamos uma grande família e nós dividíamos tarefas, como eu já falei aqui. Eu gostava de cuidar da minha família, dos meus filhos, e de trabalhar, de cuidar das pessoas das comunidades do meu Estado, que é o que eu amo fazer, ser útil para as pessoas. É o meu trabalho missionário. O dinheiro era nosso. Eu é que ficava com 40% do dinheiro, e o restante o meu marido ficava para pagar as dívidas, as contas, as nossas contas. Esse dinheiro não era administrado só pelo meu marido. O dinheiro da igreja e da família era administrado pelo meu marido e pelo filho principal que me acusou desse assassinato. Infelizmente, eu fui proibida de citar nomes.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Então, todo o dinheiro ficava com o Anderson, e V.Exa. ficava com 40%?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - E gastava como eu bem entendia, como eu queria.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Referente ao seu filho Lucas, por qual razão... Isso não ficou claro no processo, ele até deu algumas versões diversas dos fatos. Ainda vamos chegar lá. Teve a questão da carta. Por que razão o seu filho Lucas te acusaria?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, se forem ver os fatos, os processos, na primeira audiência, o meu filho não me acusa. Ele fala de uma carta, essa carta realmente existe. Ele fala dessa carta. Na primeira audiência ele cita o sobrenome de um homem: Siqueira. Ele diz que escreveu uma carta, escrita por esse Siqueira. Estranhamente, depois dessa audiência, houve um intervalo nessa audiência, onde a juíza pediu para falar a sós com o meu filho, junto com a Promotoria. E quando voltaram de lá, o meu filho mudou a versão. O meu filho foi tirado do presídio onde estava, foi levado para



um outro presídio. E, assustadoramente, quem foi liberado para visitar o meu filho foi Rejane e o meu filho que me acusou do crime. Estranhamente, depois desse episódio foi que Lucas começou a mencionar o meu nome, dizendo que a carta teria sido escrita por mim.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, a pergunta da carta... eu ainda não cheguei lá. A pergunta que eu fiz a V.Exa. é: *"Por que o Lucas afirma que V.Exa. foi a mandante desse crime?"*

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Em nenhum momento ele falou isso.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Falou no âmbito deste Conselho.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Oi?

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Ele falou no âmbito deste Conselho, em depoimento ao Conselho de Ética.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ah, eu não sei por quê. Se o senhor perceber e as pessoas perceberem — eu até pedi, infelizmente, eu pedi ajuda de fora, de investigadores... se investigar de fato os fatos —, o Lucas vem mudando a versão desde que... desde que essa coisa estranha aconteceu na audiência. Só dali para frente, foi que o Lucas mudou completamente a versão dos fatos.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O.k. Muitas pessoas da sua família, inclusive seus filhos, pessoas próximas, funcionários, no âmbito deste processo criminal, estão presas. O que elas têm em comum além do homicídio cometido contra o Anderson é a ligação com a senhora. Se a senhora não fosse Parlamentar, acredita que estaria presa como os demais?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - De forma cruel e covarde, sim. Sim, porque há uma covardia acontecendo nessa situação desse processo, covardia essa que nós estamos lutando... E graças a Deus, pelo meu mandato... porque foi o meu mandato que me deu a oportunidade de lutar para provar a minha inocência e a inocência de alguns filhos que estão presos.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - E aproveitando, queria só pedir para fazer uma observação.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Pois não, Deputada.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Uma coisa que eu não entendo como mãe... Eu sou mãe, e dói muito para uma mãe ver filhos presos. E uma das razões que falaram



que meus filhos estavam presos... A primeira razão que falaram foi que eles sabiam da trama e não fizeram nada. E aí vai a pergunta: os outros seis que se levantaram contra mim também sabiam da trama e estão livres? Como mãe, eu não consigo entender isso, essa divisão que a Justiça fez.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Qual celular V.Exa. utilizava para exercer a atividade parlamentar?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - O meu.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Só tinha um celular?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu, só.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - E esse celular é o mesmo que V.Exa. alega que seus filhos tomavam por vezes para mandar mensagens para outros filhos, para o próprio Anderson, entre eles, passando-se por V.Exa.?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - O meu celular, por conta do meu... da quantidade de trabalho que eu exerço, sempre ficou, de vez em quando, em mãos de terceiros. Isso é uma coisa que todos podem falar claramente. Quando eu estou exercendo a minha função de Parlamentar, quando eu estou numa votação, eu procuro usar muito pouco o meu celular, para prestar atenção nas coisas que estão sendo faladas em plenário, nas coisas estão sendo votadas. E alguém sempre, um assessor, fica de posse do meu celular. E não é diferente também em casa.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. tinha uma boa relação com sua filha Simone?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Tinha.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Em diversas passagens, V.Exa. alega que a Simone teria utilizado o seu celular para enviar mensagens para o próprio André, falando, de certa forma, dessa trama para matar o Anderson, chamando-o de traste, estes episódios dessas mensagens. Se a sua relação era boa com a Simone por que ela utilizaria o seu celular?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, ela mesma já falou sobre os fatos, ela mesma já explicou o porquê de ter usado o meu celular quando ela relatou, quanto ela fez a confissão.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Eu quero saber de V.Exa.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ela alega que o telefone dela tinha acabado a bateria. Eu não li ainda totalmente, ainda não tive forças suficientes, humanas, para ouvir todo depoimento, porque sou mãe, não sabia desse fato. Não esperava... Eu sempre orei, pedi oração a todo o povo do Brasil para que a verdade aparecesse, só que eu não esperava que a verdade fosse tão dura e cruel como o que aconteceu. Eu jamais esperava que a minha filha fosse a mandante desse crime.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, ainda no episódio dessas mesmas mensagens... O conhecido episódio do jogo onde estive, no Maracanã, foi o que originou a mensagem. V.Exa. pode discorrer como ocorreu?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, eu não posso explicar muito. Eu estava num jogo de futebol. Para todos... Todos têm ciência de que eu e meu marido éramos flamenguistas doentes — eu ainda sou —, torcedores. Eu também fazia parte da Comissão do Esporte. Eu pedi a um Deputado que me cedesse a suplência, para que eu fizesse parte da Comissão do Esporte, porque eu gosto bastante dessa área, porque ajudam crianças e adolescentes e jovens das comunidades. E isso me interessa muito, porque o esporte é uma ferramenta muito útil para mim, para resgatar jovens e adolescentes do tráfico. E nós fomos para o jogo como íamos quando tínhamos possibilidade de ir, do Flamengo. E ali a gente fica em alvoroço, torcendo. Alguns filhos foram, netos foram. E, depois do jogo, meu marido, nós fomos a um *shopping*. Meu marido precisava comprar, ele quis comprar terno, e nós fomos ao *shopping*. E minha filha estava junto, e minha bolsa, meus pertences ficaram com ela. Então, eu não sei explicar o que ela fez com o meu telefone dali para frente. Eu sei falar do que ela relatou, do que ela falou.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Então, na saída do jogo, V.Exa. e o Anderson foram para o *shopping* comprar terno?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O seu celular ficou com quem?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Com a minha filha, porque ela foi também.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Ela foi também com vocês?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Foi. *(Pausa.)*

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Ao se queixar de Anderson para Luana, foi questionada pela filha acerca do motivo de não se separar do marido, à oportunidade que V.Exa. respondeu que não faria porque poderia escandalizar o nome de



Deus e a igreja. Por que era levantada a tese de separação dentro da sua família com relação a V.Exa. e o Anderson, uma vez que o seu relacionamento, como aqui narrado, era um relacionamento saudável?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu... Não, não citei... Nunca falei em separação. Não havia motivos para isso entre eu e meu marido.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Quem falava em separação eram os seus filhos, as pessoas próximas. V.Exa. alegava que não poderia escandalizar o nome de Deus e a igreja, ou seja, cogitou a questão da separação.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu jamais cogitei me separar do meu marido, até porque eu jamais falaria essa frase. Porque, se o senhor perguntar às mulheres para quem eu fiz gabinete pastoral... Eu faço gabinete pastoral, eu dou aconselhamento pastoral. Mulheres que são agredidas pelos seus maridos, quando vão fazer gabinete pastoral, a primeira coisa que eu mando é que elas vão à delegacia denunciar os seus maridos, porque isso não traz escândalo nenhum para o Evangelho. Separação não traz nenhum escândalo. Isso é uma inverdade.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - E quem escreveu a mensagem?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - E eu jamais cogitei essa possibilidade de separar do meu marido, porque ele me faz muita falta, inclusive até hoje. Mesmo depois de saber das ações dele, até hoje, ele ainda me faz muita falta.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Essa mensagem saiu do celular de V.Exa. Quem escreveu essa mensagem?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu não fui. Eu posso afirmar para o senhor que eu...

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Por que alguém escreveria, então, Deputada, uma mensagem dessas no seu celular?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Não escrevi. Já vi uma trama conhecida por todos a respeito da morte do meu marido. Trama essa conhecida inclusive pelo meu marido. Não era só conhecida pelos filhos ou por mim. Era também conhecida pelo meu marido. Havia uma trama. E, infelizmente, meu celular foi usado, mas não fui eu que escrevi essas coisas.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, a todo o instante perguntam, tanto em juízo, em entrevistas — nem quis fazer essa pergunta até o momento



—, se existia um tratamento diferenciado entre seus filhos. Mas, vendo todo esse contexto, eu tento imaginar alguma motivação para que seus filhos tenham tanto ódio de V.Exa. e tenham feito essa trama acusatória contra V.Exa. Qual a razão de eles terem tanto ódio de V.Exa. a ponto de fazer tudo isso, a ponto de usar seu celular para te incriminar? O que justifica isso? Eu preciso me convencer disso. V.Exa. precisa convencer o Conselho disso.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, eu ainda não pude estar com os meus filhos depois que eu soube da confissão da minha filha. Perguntas que eu também faço todos os dias para mim mesma, e eu já até fiz apelo de uma visita... de visitas assistidas para que eu tenha deles essas respostas. Mas o grupo principal que me acusou, eu posso afirmar que fez acusação única e exclusivamente por interesse financeiro. Eu levei à delegacia, entreguei ao meu advogado um documento que eu achei que prova um desfalque de quase 5 milhões de reais da igreja, das igrejas. Dinheiro esse que não apareceu nas contas, porque todo o dinheiro que entrava nas igrejas passava pelas contas para que os pagamentos pudessem ser efetuados. Essa quantia não apareceu nas contas da igreja. Ela simplesmente desapareceu. Eu trabalhei muito, Relator. Eu sei o tanto que eu trabalhei. Como cantora gospel eu ganhava muito bem, muito mais do que como Parlamentar. E hoje eu não tenho nada. Absolutamente nada. Esse dinheiro era guardado. Parte desse dinheiro do meu trabalho estava sendo guardado, porque eu e meu marido tínhamos planos e sonhos de comprar um sítio, de comprar uma casa de praia. Nós tínhamos sonhos. E parte desse dinheiro que estava guardado também desapareceu, dinheiro do meu trabalho, do nosso trabalho, porque o cartão de crédito, infelizmente, ficava na mão do outro filho, de um filho que era também administrador financeiro junto com o meu marido.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Com relação ainda a essas mensagens, Deputada, um fato me chamou muito a atenção. V.Exa., a todo o tempo, atribui as mensagens enviadas do celular de V.Exa. ora à Simone, ora à Marzy, ambas são fiéis a V.Exa., até se emocionaram... Emocionou-se a Simone só de vê-la pela Internet.

Em sede de Procuradoria, no âmbito da representação, no início da representação, na Mesa Diretora com o Paulo, faço o registro do material de áudio, vídeo gravado no WMI 2913, aos 13min26s, quando o advogado pergunta a V.Exa. referente a essas mensagens, se elas foram escritas pela Marzy e pela Simone, V.Exa. , de forma muito espontânea, olha o seu advogado e pergunta: "A verdade?" Pergunta se é para dizer a verdade. Qual seria a



verdade? Porque o seu advogado, naquele momento, não diz um "sim" espontâneo à "a verdade". Ele te orienta outra coisa. Então, tudo aquilo que foi dito não é verdade?

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - Tudo o que foi dito em que data, por favor?

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Foi em sede de Procuradoria, junto ao Procurador da casa. O corregedor, perdão. O corregedor da casa, o Paulo. Estava a senhora e o advogado. O Dr. Anderson Rollemberg estava presente e ele pergunta a V.Exa. referente a essas mensagens, se elas eram enviadas pela Marzy e pela Simone. No minuto 13min26s, do arquivo 29:13, V.Exa. olha diretamente para ele e pergunta: "A verdade?" Corregedor Paulo Benson.

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - Naquele momento, eu perguntava ao advogado, porque a Marzy...

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Qual seria a verdade? Eu só quero saber isso. O seu advogado não orientou falar a verdade. V.Exa. pergunta: "A verdade?" Seu advogado naturalmente, em busca da verdade, deveria ter orientado: "Sim, a verdade".

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - Porque naquele momento...

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Por que ele não te orientou a falar a verdade? Qual seria a verdade? Eu quero saber a verdade, apenas isso.

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - A única verdade que tinha, naquele momento ali, era da minha filha Marzy, só que eu não tinha provas suficientes para mencionar o nome. Eu não tenho o hábito de acusar ninguém sem provas, principalmente agora depois do que eu estou passando. *(Pausa.)* Mesmo sabendo que ela tinha escrito a primeira mensagem da trama, todos sabiam que ela foi... Ela mesma confessou isso, em juízo, quando o Corregedor me fez essa pergunta, eu olhei para o advogado... Se eu podia realmente mencionar o nome da minha filha ao Corregedor, porque todos nós já sabíamos que ela tinha feito, ela tinha escrito a primeira mensagem.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Naquele momento, V.Exa. falou ou não a verdade?

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu disse tudo que eu poderia falar para ocupar o Corregedor, toda a verdade.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. falou a verdade?

A SRA. FLODELIS (Bloco/PSD - RJ) - Falei a verdade. *(Pausa.)*



O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, referente aos celulares, o celular do Pastor Anderson ficou sob a posse de V.Exa. Ainda na data posterior ao homicídio, foram feitas algumas ligações, inclusive para a Simone; outra para a Sra. Yvelise, que é esposa do falecido Arolde, que gerenciava a gravadora, salvo engano. Esse celular estava de posse de V.Exa., comprovadamente feita a quebra do sigilo telemático desse telefone. Inegavelmente ele estava sob a posse de V.Exa. Ele continha informações importantíssimas para o caso. Inclusive V.Exa. mesma disse que seria importante. Mas esse celular sumiu sob a posse de V.Exa. O que foi feito com esse aparelho celular?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, esse... Eu estava sedada, eu estava dopada de medicações. Não recordo por quanto tempo eu... e com quais pessoas eu falei através do celular do meu marido. Mas se o senhor olhar direitinho no processo, também esse celular foi levado para o meu filho, esse que me acusa. Ele pediu a um amigo da família para buscar o celular na minha casa, levar até o prédio onde ele mora. Ele recebeu esse celular em mãos. E aí eu faço uma pergunta: por que ele, de posse desse celular... Por que esse interesse dele em pegar o celular do meu marido? A pessoa para quem ele levou o celular afirma que ele pegou o celular, "printou" algumas coisas, apagou outras, devolveu e mandou colocar no mesmo lugar em que estava sendo carregado o celular, dentro da minha casa. Qual é o interesse que o meu filho tinha nesse celular? Eu realmente não sei do paradeiro. Eu hoje sei, porque a minha filha falou, em juízo, o que fez com os... Não só com o celular do meu marido, como outros celulares. Eu hoje sei, porque minha filha falou em juízo o que fez não só com o celular do meu marido, como outros celulares.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - V.Exa. narrou aqui, no início da sua fala, a versão de que iria ao presídio levar a custódia.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Essa versão é um pouco conflitante com a da própria Andreia e com o narrado por V.Exa., que custeava 2 mil reais semanais para que fosse feita a compra e a entrega dessa custódia. Existe registro de visita de V.Exa. no presídio, ainda que independentemente da área do presídio? Existe uma assinatura de presença, porém, ela não bate com a versão que V.Exa. narra de que levou a custódia, sendo que ainda há outra versão de V.Exa. de que pagava para que essa custódia fosse levada.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não existem duas versões, Excelência. Assim que meus filhos foram presos, eu não tinha possibilidade nem condições emocionais e de saúde. Aí, eu soube da existência dessa senhora que fazia isso para vários presos. É um trabalho que ela faz social, a D. Andreia. Eu depositava toda semana dinheiro para que ela fizesse também comida para os meus filhos. Se olhar, eu fazia transferência bancária toda semana, mas só relatam a transferência de 2 mil reais. Mas não foi só desse dinheiro que eu fiz a transferência. Eu só fui ao presídio durante a pandemia. Quando houve a pandemia foi que eu passei a ir ao presídio. Antes disso, toda custódia era feita pela D. Andreia.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Nesse período que antecede a sua apresentação — vamos chamar assim —, até que lhe fosse apresentada a Andreia, no que antecede esse período, V.Exa. ia, sim, ao presídio levar a custódia. Só depois que passou a conhecer ela...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, senhor, foi antes de eu ir, antes de eu ir. Se olhar o histórico dos registros, das minhas assinaturas, a D. Andreia fazia custódia anterior à minha ida. Eu fui depois. Eu só fui durante a pandemia. É preocupação e coisa de mãe. Se o senhor perguntar ao moço que recebia a custódia, ele vai poder relatar que eu levava muitos remédios. Eu estava com muito medo que meus filhos pegassem... Na época, era chamado só de coronavírus. Depois, passou ao nome de COVID. Eu tinha muito medo de meus filhos serem contaminados e morrerem lá dentro da prisão.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Como acontecia essa entrega de alimento? V.Exa. ia entregar a custódia? Como funcionava? Entregava na...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu ficava na fila esperando o horário com outras mães, outras esposas, com os familiares, normalmente lá. Algumas vezes eu fui ao mercado ali de Bangu, perto do presídio...

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Eu só quero saber, Deputada, para quem V.Exa. entregava a custódia.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu entregava na banca, onde todo o mundo entregava, ao pessoal da SEAP, aos agentes da SEAP.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Agentes da SEAP. É isso.



V.Exa. afirmou que o Lucas assume na carta, até com riqueza de detalhes, que assassinou junto com os colegas o Pastor Anderson e que essa carta te eximiria de culpa.

V.Exa. diz que buscava a carta original. Esta carta foi rasgada, salvo engano.

Eu gostaria que V.Exa. falasse, agora sim, sobre esse episódio da carta.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, como eu disse, eu não conhecia pessoalmente a Sra. Andrea; eu disse isso em depoimento. Eu soube do trabalho social que ela fazia, do trabalho missionário que ela fazia de atendimento aos familiares dos presos, para levar comida — até de presos de outros Estados. Meu contato com ela era via telefone. E foi quando ela... ela me comunicou que tinha uma carta. Eu soube da carta e, infelizmente, num desespero de provar minha inocência, porque eu estava sofrendo demais com falsas acusações, eu mandei o meu filho Adriano ir a Bangu buscar essa carta. Tinha uma outra pessoa envolvida nisso, que era uma advogada chamada Tharsis. Infelizmente, eu envolvi o meu filho Adriano. No desespero, mandei que ele fosse buscar essa carta, para que eu entregasse para os meus advogados. Porque, quando eu li no celular... E se o senhor pegar o celular que foi levado pelos policiais para a delegacia, o senhor vai ver que, no celular, nas fotos, se não foram apagadas, está lá na íntegra a foto da carta. E era a letra realmente do meu filho Lucas. Eu conheço, era meu filho. E a forma de falar também era a forma de falar do meu filho. E ele vai citando e me pedindo desculpas. E ele fala detalhes que me chamaram muito a atenção. Era a única prova que eu tinha, naquele momento ali, de provar que eu não tinha nada a ver com esse crime. E essa carta, Excelência, está nos autos, ela não foi rasgada.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - O.k. A Simone alega que tinha medo do Pastor Anderson, que sofria investidas sexuais rotineiras contra ela, o que teria motivado todo o feito do crime.

V.Exa. disse, por mais vezes aqui, que tinha um bom relacionamento e próximo com ela. Por que razão ela teve receio de contar a V.Exa.? V.Exa. não tinha ciência desses fatos?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Infelizmente não. É uma culpa que eu vou carregar para o resto da minha vida. É esta culpa: de não ter prestado atenção a detalhes. É comum filhos não falarem sobre esses episódios. Não é uma coisa incomum. E, infelizmente, a minha filha não me contou nada sobre isso. E não era só a minha filha que tinha medo do meu marido. Se o senhor vir o depoimento da minha nora Luana — desculpa,



eu não posso mencionar nomes, mas eu acabo mencionando —, ela diz que sabia da trama, mas que não podia fazer nada. Perguntam para ela: *"Por que você não fez nada, já que sabia da trama do assassinato?"* Ela disse: *"Porque o senhor não conhecia quem era o meu sogro. Se conhecesse, também não faria nada, porque as coisas eram feitas como ele determinava pela gente"*. Então, não era só a minha filha. E eu, infelizmente, não soube desse relato, só fiquei sabendo diante da confissão dela. Não sabia, antes eu não sabia.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Referente ainda à Simone, quem financiava e como era feito o financiamento do tratamento de câncer dela?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - O financiamento — como eu disse para o senhor, eu ficava com parte do meu dinheiro para gastar como eu queria, comprar presente para os meus filhos, comprar as minhas roupas, minhas coisas, apesar do meu marido também comprar bastante coisa para mim — era custeado pelo meu marido. Nós lutamos em Justiça para conseguir o remédio da minha filha, porque o remédio era muito caro, e nós não tínhamos condições. Era 60 mil reais o primeiro medicamento. Nós ganhamos na Justiça. Quando o Hospital, de São Paulo, Albert Einstein ligou, interessado na situação da minha filha, porque ela tinha 35 tumores de câncer, o valor do tratamento ficou em mais de 100 mil reais. Nós não tínhamos esse dinheiro. E aí, com muita insistência, nós conseguimos colocar, ela foi colocada como cobaia, no custo zero. Mas tinha um custo que era a ida para São Paulo; ela não ia sozinha, porque ela era muito debilitada. Os tumores a deixavam muito debilitada, a quimioterapia oral que ela fazia a deixava muito debilitada. Ela ia; além do motorista, iam mais pessoas no carro com ela. Esse custeio era todo feito pelo meu marido. A estadia também deles lá em São Paulo, esse custeio era todo feito pelo meu marido.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Então, a Justiça determinou o pagamento de todo o tratamento?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Foi só de um medicamento, senhor.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Só de um medicamento?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Então o gasto era referente ao deslocamento, não era com o tratamento de câncer. É só com deslocamento, estadia?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Deslocamento, alguns remédios que ela precisava tomar para manter a imunidade dela controlada, para que outros tumores não



existissem, e tratamento de pele que ela fazia, porque o câncer dela foi melanoma, foi câncer de pele que deu metástase. Então, havia medicações que não eram custeadas pelo hospital, eram custeadas, eram compradas pelo meu marido.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Estamos finalizando, Deputada. Referente aos episódios de envenenamento: seis tentativas de envenenamento, com sucessivas internações do Pastor Anderson no hospital. Todo episódio... E V.Exa. e todos já têm ciência da pesquisa de cianureto, o próprio depoimento do perito aqui, no âmbito desta Comissão, dizia que dificilmente ministrar na comida, ainda que rotineiramente, aquele veneno levaria o Pastor Anderson à morte, mas que eventualmente uma superdosagem poderia cumprir com esse objetivo.

V.Exa. tinha ciência de que era ministrado esse veneno, ainda que na forma de medicamento, travestido de medicamento? Orientou alguém que o fizesse? Sabia? Não sabia?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não sabia. Eu pedi a exumação do corpo, porque, como eu já disse, eu tenho lutado muito para provar a minha inocência. Eu descobri que esse tipo de veneno fica no cadáver, no cabelo, na unha, nos ossos, mas foi dito pelo perito que, infelizmente, no Brasil, não tinha maquinário para detectar o veneno no corpo do meu marido. Me causa estranheza, porque nas internações do meu marido, eu o acompanhei em todas as internações, e me causa estranheza também que meu marido, do manequim 44, passando mal, ele chegou a vestir manequim 38, mas, quando meu marido veio a falecer, ele estava usando manequim 42. O que me espanta é isto: uma pessoa que está sendo envenenada diariamente, constantemente, sofrer melhoras e engordar. O que eu sei é que meu marido tinha crises de ansiedade muito fortes; inclusive, no dia da minha vitória, ele passou mal; no dia que eu ganhei na votação para Parlamentar, ele também passou mal. E ele também tinha *H. pylori*, e afirmam que o médico disse que ele já tinha sido feito o tratamento. Isso é uma outra mentira, o tratamento ainda não havia sido encerrado, meu marido também tinha, além da crise de ansiedade, *H. pylori*.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Aqui, há trechos de conversas do seu celular ainda referentes a esse episódio do envenenamento, conversa sua com o André. Eu vou ler um trecho da mensagem. André diz: "*Entendi, mas não vou sofrer, não. Não mesmo*". Outra, rapidinho: "*A senhora vai jantar em casa?*" "*Vou e tomara*" — lê-se e entende-se ele — "*que coma alguma coisa. Só essa ajuda. Preciso que você faça ele comer*



e beber alguma coisa, um arroz fresquinho, um franguinho, que não faz mal. Só isso. Depois conversamos".

V.Exa. pode explicar essa mensagem, o que conversou depois com o André?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu não tinha ciência dessa mensagem, eu jamais trocaria esse tipo de mensagem com qualquer filho que fosse. Não é esse ensinamento que eu dou para os meus filhos. Não tinha ciência dessa mensagem. Fiquei sabendo depois.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Ficou sabendo e tomou alguma providência?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu fiquei sabendo agora, Excelência.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Não é possível. Até agora, Deputada, com todo o respeito, seu celular tem sido utilizado rotineiramente para tramar a morte do seu marido, o celular retorna às suas mãos todas as vezes, e V.Exa. não vê as mensagens?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Essas mensagens já não estavam mais no meu celular, Excelência, elas não foram encontradas no meu celular, essas mensagens não estavam, eu não tinha ciência dessas mensagens. A mensagem que eu tive ciência foi da primeira trama de Marzy mandando para Lucas, mas tramando o assassinato do meu marido... E eu, fui eu quem mostrou essa mensagem para o meu marido e foi o meu marido quem mandou para todos os filhos mais velhos essa mensagem da trama do assassinato dele. E ele mesmo disse que resolveria essa situação, por ser um pastor renomado e por eu estar no início do meu mandato de Parlamentar. Ele não queria exposição com nosso nome. Ele não queria nenhum escândalo com nosso nome, que ele resolveria.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, aqui se narra então uma grande trama para incriminar V.Exa., arquitetada pelos seus filhos, segundo V.Exa. alega. O que eles ganhariam matando o Pastor Anderson e incriminando V.Exa.?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Excelência, como eu já disse aqui, é algo que eu preciso saber da boca deles, por que motivo essas coisas terríveis e horríveis aconteceram dentro da minha casa, no meio da minha família.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Estou satisfeito, por ora, Presidente. Muito obrigado, Deputada.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Muito obrigado.



A nossa sessão está suspensa, para que a representante da Deputada Flordelis vá ao banheiro. A sessão está suspensa por 5 minutos.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Está reiniciada a nossa reunião.

Não havendo Parlamentares membros da Comissão e não membros da Comissão que queiram fazer uso da palavra, passo em seguida a palavra à defesa para fazer a inquirição da Deputada Flordelis, se assim o desejar.

Tem a palavra a Dra. Janira, por favor.

A SRA. JANIRA ROCHA - Excelência, o Dr. Rollemberg está presente virtualmente. Ele vai iniciar a inquirição, e eu vou depois terminá-la. Está bem?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Pois não.

Tem a palavra o Dr. Rollemberg, por favor.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Boa tarde, Exmo. Deputado Presidente. V.Exa. está me ouvindo bem?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Sim

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - É com muita honra que me dirijo a V.Exa., nesta data, presidindo esta honrada *(falha na transmissão)*.

Deputado Alexandre Leite, eu também gostaria de cumprimentá-lo nesta tarde. E a todos os ilustres e honrados Deputados presentes nesta Comissão de Ética registro o meu boa-tarde.

Eu gostaria de esclarecer alguns pontos com a Deputada Flordelis, que foi questionada em alguns momentos pelo Deputado Relator, para que não parem dúvidas. Começo pela primeira pergunta.

Com relação à visitação, tão somente na época da pandemia, Deputada Flordelis, a senhora, em algum momento, adentrou o espaço físico onde pudesse ter contato fisicamente com qualquer filho que fosse? A senhora, em algum momento, desde que eles foram presos, dentro do presídio teve com eles contato físico, ou jamais teve contato físico?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Jamais. Jamais, doutor. Eu jamais tive contato físico com os meus filhos, nem físico, nem visual. No presídio, não.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Sobre essa assinatura que consta no livro de visitas então, se a Comissão de Ética assim requerer ao Sistema Penitenciário, à SEAP,



constará a assinatura tão somente porque a pessoa que deixa o material para ser entregue à custódia, que se chama custódia, para ficar custodiado, é obrigada a fazer constar a sua assinatura no livro. Estou correto nessa afirmação?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Corretíssimo. A gente assina na entrega da custódia. A gente assina. Essas assinaturas, esses registros foram na entrega das custódias, mas não houve registros, não houve contato. Eu não tive contato com nenhum dos meus filhos em presídio.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Eu gostaria de saber de V.Exa., Deputada Flordelis, sobre o episódio da mensagem. O ilustre Deputado Relator diz no plural: as mensagens. Eu gostaria que ficasse bem esclarecida a seguinte questão: a primeira mensagem que existe dentro do processo, a que veio para o processo da Comissão de Ética, são aquelas digitadas pela Marzy se fazendo passar pela senhora. É correto afirmar dessa forma?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Correto, a primeira mensagem da trama da morte do meu marido foi enviada do meu celular pela Marzy, dito por ela em depoimento.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Além dela, o Lucas também revela que todos ficaram sabendo, como outros que foram ouvidos no processo, de que isto realmente aconteceu: a Marzy digitou do telefone da senhora essas mensagens?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sabiam. Os outros filhos sabiam.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. A vítima Anderson tomou conhecimento e reuniu a família e se discutiu em família sobre esse episódio?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim, reuniu. Como eu disse, ele ficou sabendo. Ele disse que... Eu pedi para o meu marido para irmos a uma delegacia, porque era algo contra a vida dele, era algo grave. E, depois de Deus, a pessoa mais importante na minha vida era o meu marido. E ele disse que não queria a exposição com o nome dele, por ser um pastor renomado e por eu ter acabado de me tornar uma Deputada Federal. Ele disse que resolveria. O meu marido era o tipo do ser humano que, quando falava que resolvia um problema, realmente resolvia. Nós conversamos. Ele fez uma reunião em casa com os filhos. Ele e Marzy se entenderam. Houve até orações. Ele orou, houve abraços, houve pedido de perdão. Isso aconteceu dentro da nossa casa. Houve a devolução das funções da Marzy, nos cargos que ela exercia na igreja. *(Pausa.)*



O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Está contemplado, ilustre representante, Dr. Anderson Rollemberg?

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Houve uma queda da Internet, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Pois não, pode continuar.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Posso continuar?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Sem dúvida.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, a senhora está me ouvindo?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Estou ouvindo. Estou ouvindo.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Só para que não paire dúvida, essas mensagens, esses fatos que foram geradores dessa suposta (*falha na transmissão*) pela Marzy, foi no ano de 2018. Foi isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Foi.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - (*Falha na transmissão*) para esclarecer (*falha na transmissão*) esse episódio já está nos autos de que a Marzy tenha digitado no seu celular. Agora vamos para a mensagem em que consta que o André teria recebido três, quatro mensagens que supostamente teriam sido digitadas pela senhora, mas a sua filha Simone já esclareceu que ela fez essas digitações. A pergunta é a seguinte: a Simone teve filho com o André?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Teve. Ela teve...

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Pode informar quantos filhos?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Lorrane, Ramon e Rafaela, e adotivo agora, o Moisés.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Positivo. Deputada, nesse ano, no final de 2018, no jogo no Maracanã, existia uma mensagem que dizia: "*Esse traste está mandando os meninos de ônibus, na chuva*". Isso era em referência a esses filhos de Simone?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Então, na verdade, a Simone teria ficado com raiva, porque os filhos estavam sendo mandados de ônibus, na chuva, enquanto a senhora ia, junto com a Simone e o Anderson, para um *shopping*, é isso?



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu acredito hoje que sim, Dr. Rollemberg, porque eu não... Essas mensagens, eu não tive acesso a elas no meu celular. Elas não estavam no meu celular. Eu não vi essas mensagens.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Então, essas mensagens só constavam no celular, naturalmente, do André?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso. Pelo que eu fui informada, sim.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Com relação ao mandante do crime, quem determinou que tinha motivo, a sua filha declarou em que momento isso? Em qual data a senhora ficou sabendo realmente quem foi a mandante do crime? No caso, em que data a Simone revelou?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu só fui saber durante as audiências que estavam sendo feitas. E ela pediu que eu saísse. Na hora em que ela foi chamada para depor, ela pediu, através da advogada, que eu saísse da sala de audiência, fosse levada para um outro lugar. E só depois eu fiquei sabendo que ela tinha assumido a autoria, algo que me abalou bastante, me abateu muito. Eu não esperava essa confissão da minha filha.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Com relação ao dito pelo ilustre Relator, ele diz que filhos — no plural — a acusam. Na verdade, na realidade, o que consta no processo não é uma acusação direta. O que consta, Deputada Flordelis, é que eles acreditam que a senhora pode ter envolvimento. Então, eu começo pelo filho Misael. Misael é filho de sangue, ou é de criação, ou é filho afetivo? O que o Misael é?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Filho afetivo.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Ele tinha os cartões e as senhas e era ele que administrava todo o dinheiro da igreja, do Instituto Flordelis e da produtora gospel?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Tinha. Inclusive, alguns desses cartões foram, eram nominais a ele, diretamente com o nome dele, dessas instituições.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - A senhora achou os documentos que foram juntados nos processos que davam conta de 2,5 milhões por ano, com a assinatura dele, de informativos bancários. Isso é correto afirmar?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Correto.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - A partir do momento, Deputada Flordelis, em que ele passa a ir para a delegacia e fazer suposições de que a senhora poderia estar



envolvida, a senhora passou a acreditar que esse interesse era em função de ele ficar com esse dinheiro, dinheiro esse que só ele sabe onde está?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Com certeza. Com certeza. Duas coisas... Há coisas que eu fiquei sabendo e relatei à Justiça, de atitudes. No dia do velório do meu marido, foi retirado por ele todos os computadores que registravam entrada e saída financeira da igreja, no dia do velório. Por que ele teve que fazer a retirada desses computadores da igreja com tanta pressa? Por que ele pediu a um amigo da família para buscar em casa o celular do meu marido? É outra pergunta que eu faço. E por que, no dia do crime, ele foi buscar a Marzi? Também é outra pergunta. Porque ele relata que foi buscá-la porque ela tomava conta do filho dele, e ele ia precisar dela no domingo pela manhã, era algo que já acontecia. Todos os domingos, ela tomava conta do filho dele, e ela ia comigo no carro, para igreja, pela manhã. Então, já era algo costumeiro. A exceção foi ele ter ido, no dia do crime, tirar ela de casa.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, esclareça V.Exa. já quanto ao segundo personagem, chamado Daniel: ele não é filho de sangue. É correto afirmar?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Correto.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Ele, desde à época do crime, antes do crime, inclusive na época do crime e posterior, é subordinado financeiramente ao Misael?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim. Sim. Ele é muito, muito apegado ao Misael.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - E, financeiramente, o Misael que o empregou e, financeiramente, é o Misael que sempre o sustentou, deu emprego?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim. Não só a ele, mas aos outros irmãos.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Com a relação também à Roberta. A Roberta, tão logo ocorreu o crime, o Misael arrumou emprego na Prefeitura para ela?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim. Isso está contido até em Diário Oficial.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Só para resumir, Deputada Flordelis, esses filhos, que são 5 a 6 filhos, na verdade, nenhum deles é de sangue, e falaram que acreditam que a senhora está envolvida. Eles não são de sangue, não é isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, o ilustre Relator disse que o Lucas afirmou na Comissão que a senhora foi a mandante.



Eu gostaria de esclarecer a V.Exa. que, nos dois depoimentos prestados diante do Ministério Público e da juíza de direito, que é a judicante no processo, é perguntado se a senhora foi a mandante, e o Lucas nega conhecimento de que a senhora tenha sido mandante, como nega também o envolvimento da senhora no crime. Então só para esclarecer para a senhora que jamais o Lucas disse que a senhora é mandante.

Agora, com relação à carta, o Lucas realmente afirmou para a ilustre Comissão de Ética, na presença do Relator, de que na carta havia a assinatura da senhora e a letra, para que ele assumisse o crime — para que ele assumisse o crime —, isso é uma fala do Lucas. Mas ele não disse que a senhora foi a mandante do crime. É diferente ser mandante do crime e é diferente ser mandante de escrever uma carta.

Então, Deputada Flordelis, eu me vi obrigado a fazer esse esclarecimento para fazer a seguinte pergunta: existe alguma digitação no seu celular ou no celular da Andrea em que a senhora dá ordem de como deveria ter sido feita a carta e o que teria que ser escrito na carta?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, senhor. O que existe de mensagens, e por isso eu pedi em audiência à juíza que mostrasse todas as mensagens na íntegra, porque as mensagens foram editadas, foram cortadas, que eu me espanto a riqueza de detalhes com que o Lucas conta na carta como foi o assassinato do meu marido. E eu pergunto, eu faço perguntas sobre essas riquezas de detalhes que ele conta.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Pela ordem...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Dr. Rollemberg, por favor, regimentalmente o Relator pode interromper a oitiva a qualquer momento.

Então, eu passo a palavra ao Relator e depois volto a V.Exa.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Apenas esclarecendo um fato narrado aqui pelo próprio Dr. Anderson Rollemberg, em sede de depoimento neste Conselho, eu narro aqui as notas taquigráficas do depoimento do Sr. Lucas César dos Santos Souza: *"Sim, sim. Tem um print que ela chegou a mandar pro meu telefone, pedindo para ela me convencer, para mim fazer isso, pra mim simular um assalto e matar ele, que ela não estava mais suportando ele, que ele estava atrapalhando ela"*.

Apenas contradizendo o fato narrado pelo Dr. Anderson, existe sim a afirmação do Lucas, em sede de depoimento, neste Conselho.

Obrigado, Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Obrigado, ilustre Relator. Volto a palavra ao representante da Deputada Flordelis.

O Dr. Anderson está com a palavra, por favor.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Em homenagem e prestígio ao ilustre Deputado Alexandre Leite, quando eu disse que não há afirmação do Lucas de que ela seria mandante, realmente eu digo porque não há. A mensagem que ele cita, pode ver em todo bojo do processo, ilustre Deputado, e nos dois depoimentos prestados em juízo, que ele disse que foi esclarecido — foi esclarecido — e ele teve conhecimento que a mensagem foi escrita pela Marzy, que a Marzy escreveu se passando pela mãe.

Mas eu acredito que isso, dentro do processo e diante da minha fala, V.Exa. irá verificar e ver que o que eu afirmo aqui é uma verdade de que ele disse que a Marzy teria digitado no telefone da mãe determinando a morte, e que todos souberam que foi a Marzy que digitou.

Eu sei que V.Exa., no estudo aprofundado para relatar este processo de Comissão de Ética, irá verificar isso, como também os dois depoimentos que ele prestou em juízo.

Prosseguindo na pergunta à Deputada: Deputada Flordelis, existe mais do que um depósito para a Andrea, que seria missionária guerreira do presídio. Ela já prestou declarações na Comissão de Ética dizendo que era uma pessoa que auxiliava os presos que não tinham parentes com possibilidade de visitar, principalmente, custodiar, dar um apoio material. A pergunta que eu faço é: a senhora possui diversas mensagens, com foto de notas fiscais, em seu celular, que comprovam o que eu estou afirmando?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim, existe. Foram vários depósitos, doutor.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Vários depósitos, e que nós inclusive estamos juntando na Comissão de Ética no processo, correto?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Correto.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Com relação, Deputada, ao Anderson, a vítima, que era conhecida inclusive como o 514, eu quero saber se a conclusão da senhora pelo 514 é realmente por ele ser um superguru político, se isso seria por ele ser um braço direito que a auxiliava nessa busca de melhoramento da sua *performance* como Parlamentar, em busca do melhor para quem votou, para os seus eleitores. O que eu quero saber é o seguinte: existe a pergunta do Relator se ele realmente determinava as deliberações dos votos ou se a senhora conscientemente tomava a decisão e assim votava. É muito



importante deixar isso claro, embora pareça ser redundante, mas que a palavra final era da senhora. Estou correto em afirmar isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Corretíssimo, e a palavra final permanece sendo minha. Eu continuo fazendo as votações. Eu não parei o meu trabalho de Parlamentar. Eu continuo trabalhando, eu continuo votando. O que eu e meu marido tínhamos era uma parceria, uma amizade muito grande. Ele me ajudava muito, não era só como Parlamentar, em todas as funções da minha vida, mas a Parlamentar sempre fui eu.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Perfeito. Deputada Flordelis, no processo foram resgatadas todas as conversas da vítima Anderson. A senhora fica surpresa, embora casada, embora estar falando com ele o tempo todo pelo WhatsApp, de a polícia do Rio de Janeiro não ter trazido aos autos qualquer conversa que a senhora tivesse tratado com ele pelo WhatsApp? A senhora ficou surpresa com essa investigação com relação a não ter... Apesar de buscar conversas dele com o assessor Luciano, da senhora, que era esposa, a polícia não traz para os autos como era a sua rotina com o seu marido. A senhora ficou surpresa?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Muito, porque se pegassem as falas, as nossas conversas na íntegra, provaria o quanto nós nos dávamos bem, provaria a minha inocência. Eu fiquei muito espantada de essas mensagens não terem aparecido, nem mensagens, nem filmagens das nossas viagens, nossos momentos de viagem, nossos passeios. Havia filmagens no celular. Nada relacionado a mim e ao meu marido foi mostrado nos autos. Isso me espantou bastante, e isso só prova, para mim mesma, que existe uma trama muito grande para me colocar como mandante de um assassinato que eu não cometi.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, a sua filha já declarou que, quando a senhora estava dopada durante dias na cama, após o crime, pegou o seu celular, como o do Anderson, e deu fim. É esta filha Simone que teria dito que foi a mandante do crime.

Então, a pergunta é a seguinte: à senhora também, nessa busca que a Polícia Civil fez, resgatando todas as conversas do Anderson, causa-lhe espanto não ter uma conversa com o Misael, que era o operador financeiro da vítima?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Muito. Causa muita estranheza, porque eles se falavam o tempo inteiro, já que os dois eram administradores financeiro das igrejas e da



família. Então, me causou também muito espanto não ter mensagens direcionadas deles dois, dentro do processo.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, foi veiculado na imprensa, há 30 dias, e foi mandado para a Comissão de Ética, que V.Exa. teria concorrido aí, talvez, para 15 a 17 violações, por falta de bateria, em determinados momentos. Em alguns momentos, uma ausência de 5 minutos; (*falha na transmissão*) em alguns momentos, de 5 minutos, de 3 minutos; em outros momentos dessas 15, 17 violações, por ausência sempre de bateria, de 1 hora, chegando a 5 horas, 6 horas.

A pergunta que eu faço à senhora: a senhora fez a troca dessa tornozeleira no último dia 4 de maio aqui na SEAP?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Fiz sim, senhor. Fiz sim, senhor. Mas eu já tinha ido à SEAP outra vez, porque eu percebi que havia, estava acontecendo algo de errado, e eu fui à SEAP para pedir a troca. Eu fui lá pessoalmente pedir a troca, e não foi trocado. Foi trocado apenas de perna. Eles tiraram da perna esquerda e colocaram na perna direita a mesma tornozeleira. E, quando eu fui fazer a troca agora, já pedida pela juíza, o moço afirmou que, realmente, a minha tornozeleira estava com problemas e que um dos seus *chips* não estava funcionando. E isso me causou mais revolta ainda, porque eu fui colocada como desobediente, eu fui acusada de ter desligado a tornozeleira. E, quando eu ouço uma afirmação dessa pelo funcionário da SEAP, me causa uma revolta muito grande de estarem fazendo esse tipo de covardia comigo.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada, esta última ida, no dia 4 de maio, foi a pedido do seu advogado. E a juíza, então, deferiu que fizesse a troca, porque nós não aceitávamos que constasse violação, uma vez que a senhora jamais tenha feito essa violação por falta de bateria.

Nessa ida, a senhora gravou? Existe uma filmagem da senhora gravando o funcionário mostrando no computador que, de 2 *chips*, 1 *chip* não estava funcionando?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim. Infelizmente, eu fui forçada a fazer isso por causa da covardia que estavam fazendo comigo. E eu consegui gravar o funcionário falando, dizendo que, realmente, a minha tornozeleira estava com o *chip* com defeito e que todas as ocasiões do desligamento apareciam dentro da minha própria casa, em horários noturnos, mas que realmente a tornozeleira estava com defeito. Isso foi afirmado pelo agente que me atendeu na SEAP.



O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Isso está gravado em vídeo. Estamos juntando para a Comissão de Ética. Já foi até providenciado. Correto?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Correto.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada Flordelis, a senhora, como Deputada Federal, poderia, a todo chamamento do delegado de polícia, fazer-se da prerrogativa de marcar hora, data e local para ser ouvida, inclusive no Distrito Federal. Todas as vezes que a senhora foi chamada pela polícia, a senhora fez valer essa prerrogativa de marcar hora e local, inclusive dificultando, se assim fosse, para o Distrito Federal, ou, ao contrário, a senhora foi a todo o tempo, a todo chamamento, de espontânea vontade comparecer à delegacia de polícia para prestar as declarações?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Todas as vezes que eu fui chamada, mesmo tomando medicações fortes, eu nunca me neguei a ir à delegacia. Eu sempre fui, todas as vezes que eu fui chamada. Eu nunca faltei a um chamado.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Eu gostaria também que V.Exa. explicasse quantas igrejas, assim que o Anderson faleceu, foi vítima, a senhora foi obrigada a fechar, inclusive pegando empréstimo para poder pagar os alugueres atrasados e fazer a entrega dessas igrejas? Pode relatar quantas igrejas fecharam?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Nós fechamos... Os núcleos também a gente tem como igreja. Na verdade, foram fechados nove templos... Foram fechados oito templos. Temos apenas um aberto, que é a nossa sede.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Deputada, eu vou encerrar as minhas perguntas, porque eu vou passar a palavra, para que continue, à ilustre advogada Dra. Janira Rocha. Mas não menos importante é dizer que muito me orgulha ser advogado da Deputada Federal Flordelis e que V.Exa. dignifica a mulher brasileira, a mulher negra. Que Deus ilumine a senhora para que continue nesse caminho de brilhante Parlamentar que é. A senhora só está pedindo o que está consagrado na Constituição Federal de 88, a presunção de inocência, ou seja, que primeiro seja julgada, provada a sua culpabilidade, para que, assim, possa ter um julgamento democrático, institucional, um julgamento verdadeiro, sobre se teria ferido (*ininteligível*) o decoro da classe.

Meu muito obrigado a todos os presentes.

Eu passo, agora, a palavra à Dra. Janira Rocha, para que continue o trabalho das perguntas e pedidos de esclarecimentos à Deputada Flordelis.



Obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Muito obrigado, Dr. Anderson.

Antes de eu passar a palavra para a Dra. Janira Rocha, eu queria esclarecer às Sras. e aos Srs. Deputados e a todos os que participam desta oitiva que o nosso ilustre Deputado Carlos Sampaio, 2º Vice-Presidente da Comissão de Ética, se expressou eletronicamente para fazer sua manifestação. Como os representantes da Deputada Flordelis regimentalmente se manifestam depois, eu vou lhes passar a palavra após a fala do Deputado Carlos Sampaio. Volto à senhora e volto também ao Dr. Anderson, que nos acompanha remotamente.

Deputado, Carlos Sampaio, V.Exa. tem a palavra por 5 minutos, mais 3 minutos para a réplica.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Presidente, Deputado Hiran, muito obrigado pela gentileza. Age corretamente V.Exa. quando, depois da minha fala, volta a palavra à advogada e também ao Dr. Anderson, porque precisamos respeitar o devido processo legal e o amplo direito de defesa. A primeira pergunta que eu faço à Deputada Flordelis é se, em algum momento, ela tentou intimidar ou persuadir testemunhas ou os corréus.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Nunca. Eu nunca fiz isso, senhor.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Deputada Flordelis, se me permite justificar a minha pergunta, o Desembargador Celso Ferreira, que foi o Relator do seu caso e determinou seu afastamento do mandato, afirmou, quando da decisão do seu afastamento, junto, acompanhado pelos outros dois desembargadores, o seguinte — abre aspas. Disse o Relator: *"Veja-se que, nas redes sociais, há evidências de diálogos indicativos do poder de intimidação e persuasão que a ora recorrida exerce sobre testemunhas e corréus"*. Então, apenas lembro a V.Exa. que aqui o seu dever, obviamente, é de defender-se. Mas rogo para que não incorra numa mentira, porque a mentira pode acabar também implicando falta de decoro parlamentar. Eu faço uma segunda pergunta a V.Exa...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu posso falar sobre essa pergunta que o senhor fez?

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Pois não.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu nunca intimidei ninguém. Eu nunca intimidei ninguém, nunca usei minha rede social para isso. Eu fui acusada de ter intimidado com as músicas que eu canto, com as coisas que eu prego, umas coisas que eu já pregava antes, coisas que eu já cantava antes. Pegaram uma música que eu canto, que eu sempre cantei, que as pessoas pedem muito para eu cantar. E a música diz: *"Pode vir tribulação, que eu vou passar por cima. Pode vir perseguição. Com Deus, eu vou passar por cima. Da inveja e da calúnia eu vou passar por cima"*. Eu canto esta canção, e eles... E eu sempre cantei antes. Outra canção que eu canto e que eles falam que é intimidação: *"Quebra o arco, corta a lança e faz a tempestade acalmar. Quando entra na batalha, a vitória certa é. Ele é o Cristo poderoso que tem todo o poder"*. Eu não estou intimidando ninguém. Eu estou cantando as músicas que eu sempre cantei antes de o meu marido ser assassinado. Eu nunca usei rede social para intimidar ninguém. A única vez que eu fiz isso foi para dizer que eu processaria a mulher que me acusou de ir à casa de *swing*, e eu usei e disse: *"Eu vou lhe processar se não provar que eu fui à casa de swing. Mostra um vídeo, prove que você me viu na casa de swing, porque, se não fizer, eu vou processá-la"*. Foi a única vez que eu mencionei algum tipo de coisa em rede social.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Deputada Flordelis, V.Exa. tinha uma relação amistosa com a Marzy?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - A senhora definiria a Marzy como alguém que tem um perfil dominador ou mais subserviente, mais submisso, no seu dia a dia, no seu cotidiano?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Marzy é uma pessoa muito determinada, tanto que é uma menina que passou por várias casas, morou em vários lugares, passou por várias situações difíceis da vida. Já veio para a nossa casa adulta, com mais de 25 anos. Ela já veio para a nossa casa já adulta. Sempre foi uma menina muito determinada em tudo o que ela quis e quer, tanto que ela era administradora, colocada pelo meu filho. Ela era administradora de um posto de saúde e também fazia faculdade.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - A terceira colocação que faço conta um pouco o que fora dito pelo Dr. Anderson. Mas, em seu depoimento, o Lucas declarou que intermediou a compra de arma usada no crime, a arma utilizada pelo outro filho, o



Flávio, que foi utilizada no crime. E isso, segundo ele, foi feito a seu pedido. Eu pergunto a V.Exa. se isso tem alguma veracidade e por que ele teria feito essa afirmação.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Doutor, depois desse episódio, dessa audiência, de que Lucas foi tirado misteriosamente, ele volta com depoimentos trocados e modificados. Eu não sei por que isso foi feito. Eu já perguntei a vários advogados, a várias pessoas, se isso é normal acontecer em audiência, e todos sempre me dão a resposta de que não, é uma coisa estranhíssima esse acontecimento. Depois é que ele veio com essas falas contra... mencionando essas coisas. Então, eu não sei por que ele também me colocou na compra dessa arma, porque eu não custeei compra de arma alguma. Eu não fiz isso, até porque o meu filho Flávio trabalhava. Ele estava há pouco tempo morando na nossa casa, porque ele sempre foi independente financeiramente, emocionalmente. Ele sempre foi independente.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - O seu filho Lucas trabalhava como motorista de Uber?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Meu filho Lucas?

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - É.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não posso mencionar nomes. Não.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Ele trabalhava com o quê?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Lucas trabalhava na oficina de uma moça cujo nome eu não posso mencionar. E, logo depois, trabalhava... passou a trabalhar para o tráfico de drogas da favela da Cocada e, depois, a dirigir, ser motorista para o tráfico da favela no Rio de Janeiro chamada Chapadão.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - O.k. No depoimento da Roberta Santos, ela chegou a afirmar que o Pastor Anderson era vítima constante de suposto processo de envenenamento, que ele estava sempre recebendo remédios que o deixavam cansado. E há um relato concreto no sentido de que a sua filha Marzy ministrava esses remédios e que Cristiane, após consumir inadvertidamente um suco de laranja, também passou mal e foi para o hospital. O que V.Exa. tem a dizer sobre esse episódio do envenenamento do Pastor Anderson?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Foi algo que também foi novo para mim. Realmente, eu já fiz até esta pergunta aqui: como uma pessoa que está sendo diariamente envenenada pode sair do manequim 38 para o 42, melhorando visivelmente o seu estado



de saúde? Houve uma melhora visível do seu estado de saúde. Ele tinha crise de ansiedade crônica e também *H. pylori*. Eu pedi a exumação do corpo. Também me causou estranheza porque o meu marido tinha manias, e uma das manias dele era ele mesmo colocar sua própria comida. Então, isso também me causou estranheza. Por isso eu pedi a exumação do corpo. Eu vou repetir: meu marido tinha manias, e uma das manias que ele tinha era ele mesmo colocar sua própria comida. Ou, então, ele passava brincando... Fora isso, ele passava brincando e pegava comida da mão das crianças, dos filhos adolescentes, em forma de brincadeira, e comia aquela comida que já estava colocada para alguns adolescentes.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Deputado Carlos Sampaio, eu queria pedir licença a V.Exa. O nosso Relator tem a prerrogativa de interromper a qualquer tempo, e ele está me solicitando a palavra. Mas devolverei a palavra a V.Exa. logo em seguida.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Dentro da pergunta de V.Exa., Deputado Carlos Sampaio, vou falar da compra da pistola Bersa 9 milímetros, no valor de 8.500 reais, feita pelo Flávio. O Flávio trabalhava como motorista de aplicativo, com média de em torno de 2 mil reais de lucro, e ainda pagava pensão. Esse é mais um indício de que a única que teria condições financeiras de financiar a compra dessa arma seria a Deputada Flordelis. Eu gostaria que a Deputada pudesse se pronunciar a respeito dessa alegação feita pela investigação em sede de inquérito policial.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Doutor, o Flávio, como eu disse, era independente. Ele morava... Ele estava há pouco tempo na nossa casa, havia se separado da esposa. Estavam em uma briga os dois, nessa separação. E o Flávio saía às 5 horas, às 5h30min da manhã, para trabalhar e só voltava no meio da tarde para descanso — raramente isso ele fazia — e depois retornava ao trabalho. Se fizer uma pesquisa para ver quanto ganha um motorista de Uber, vai mostrar claramente que ganha o suficiente. Flávio tinha carro próprio e tinha uma independência financeira própria. Eu jamais forneci dinheiro para a compra de arma para Flávio. Jamais fiz isso.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Está contemplado, Relator?



O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Acho que só contribuí para a pergunta do Deputado Carlos Sampaio. Apenas reforço, Deputada Flordelis, que o Flávio era motorista de aplicativo e, ainda que andasse diuturnamente, ele ainda pagava pensão.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - A pensão era de 500 reais mensais.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - De 500 reais mensais. Certo. E conseguiu, mesmo com a média alegada de 2 mil, 8.500 reais para despender na compra de uma arma para cometer esse homicídio?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Algo que me assustou também foi a não quebra do sigilo bancário do Flávio para ver se, no momento da prisão, ele tinha algum dinheiro na sua conta, como é que era o andamento da sua conta bancária. Isso não foi feito. E isso me causa muita estranheza. Não foi feito isso, e foi colocada sobre mim essa acusação, essa responsabilidade da compra dessa arma.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Obrigado, Deputada Flordelis. Obrigado, Deputado Carlos Sampaio.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Devolvo a palavra a V.Exa., Deputado Carlos Sampaio.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Faço uma última pergunta, apenas para eu compreender esse episódio da SEAP. Num primeiro momento, V.Exa., Deputada Flordelis, disse que foi um absurdo o que fizeram, dizendo que não existia nenhum tipo de problema e que estavam imputando à senhora fatos inverídicos, no sentido de que a senhora estaria mentindo, estaria desligando a tornozeleira. Em seguida, V.Exa. falou que narrou outro fato, não sei se com outro funcionário, em que ele dizia textualmente: "*Aconteceu na sua casa. De fato, foi um erro*". E a senhora inclusive gravou. São pessoas distintas?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Nenhum funcionário, nenhum funcionário relatou que a minha tornozeleira não tinha problemas. Nenhum funcionário relatou isso. Eu fui acusada, judicialmente, por estar — não sei como fala — sendo negligente com a minha tornozeleira, desligando a minha tornozeleira. Eu fui acusada, mas não foi por nenhum funcionário da SEAP. Eu mesma fui à SEAP para fazer a troca, porque eu percebia que em alguns momentos ela ficava piscando em uma outra cor e eu não entendia. E, quando eu fui lá pedir para trocar, eles olharam e falaram: "*Nós não podemos fazer nenhuma troca*". Então, eu pedi que trocassem de perna, porque a minha perna estava... *(A oradora se*



emociona.) Desculpa. A tornozeleira tinha marcado as minhas pernas — eu tenho marcas até hoje —, causando inchaço, ferimentos, sangramentos. Então, eu pedi que trocassem, pelo menos trocassem de perna. E foi tirada da minha perna esquerda para a minha perna direita. Desculpe-me.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Deputada, só para eu entender: na primeira ida sua à SEAP, então, eles afirmaram que não tinha nenhum erro e simplesmente trocaram de perna a seu pedido, mas não confirmaram a existência de qualquer problema?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Disse que é normal a falha de sinais, porque, quando a gente sai de um Estado para o outro ou passa debaixo de um túnel... Eles falaram que era equivalente a um celular, que perde sinais em alguns lugares, em algumas ocasiões; que isso era algo comum, não era problema algum.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Desculpe-me. É por isso que eu estou confuso aqui. Na filmagem que fora feita por V.Exa., V.Exa. disse que eles inclusive afirmaram...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, aí já é a segunda vez que eu fui.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Então, mas, nessa segunda vez, eles afirmaram que... Já era outro funcionário?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Era outro. Ele ficou olhando com mais precisão.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Outra pessoa.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ligou, de uma forma que o outro não tinha feito, o computador. Há uma lista verde que aparece, imediatamente também outra, e a outra estava falhada, com várias falhas. E ele disse: "*O chip da sua tornozeleira...*". Ele... Foram procurar a tornozeleira boa, que eles não tinham ainda separado, estavam procurando para colocar. E ele afirmou: "*Realmente, a sua tornozeleira precisa ser trocada, porque o chip, um dos chips da sua tornozeleira está com problemas, está com defeito*".

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Isso foi quanto tempo depois, Deputada Flordelis, da primeira ida à SEAP?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ah, sinceramente, eu não me recordo!

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Não... Mas, assim, mais de 1 mês ou menos de 1 mês?



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Mais de 1 mês, mais de 1 mês; mais, muito mais.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Muito mais de 1 mês.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Mais.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - E, na primeira oportunidade, a senhora disse que eles falaram que, inclusive, quando se sai de um Estado para o outro, se passa debaixo de um viaduto, acontece isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - É que, na segunda vez que a senhora se referiu, quando foi filmado, a senhora teria dito que ele mesmo disse lá que isso certamente aconteceu sempre na sua casa.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Essa foi a segunda vez, a falta... o defeito que ele viu em um dos *chips*. Tem a fala dele gravada. Nós temos a fala gravada, e eu pedi que o meu advogado apresentasse aqui na Comissão de Ética.

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - O.k. Muito obrigado, Deputada.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - V.Exa. está contemplado, Deputado Carlos Sampaio?

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Muito obrigado, Deputado Hiran, pela deferência.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Então, eu devolvo a palavra aos patronos da representada.

Pergunto, Dra. Janira, se a senhora prefere falar agora ou se prefere que devolvamos a palavra ao Dr. Anderson para, depois, a senhora falar.

A SRA. JANIRA ROCHA - Prefiro falar agora.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - A senhora vai falar agora. Então, tem a palavra a Dra. Janira Rocha.

A SRA. JANIRA ROCHA - Excelência, como eu tinha falado no início...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - A senhora me dá licença? Eu acho que o Dr. Anderson, sem acionar o microfone, está tentando falar.

Acione o microfone, por favor, doutor.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - O Sr. Presidente me ouve?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Sim.



O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Gostaria só de dois esclarecimentos, antes de passar para a ilustre advogada Janira Rocha. É possível?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Fique à vontade.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Em homenagem às perguntas pertinentes ao ilustre Deputado Carlos Sampaio, Deputada, existem 17 violações, sendo que, quanto a sete, está constando que seriam violações por ter saído do Rio de Janeiro para Brasília. Então, a pergunta que eu faço à senhora... Quando fala da violação para Brasília, o que foi dito para a senhora é que, no avião, durante o voo, não funciona o GPS da tornozeleira. Estou correto nessa afirmação?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Então, eles disseram para a senhora que, dentro do avião, não pega e, por isso, constava como violação, mas constando que estava em Brasília, ou seja, que, logo após, ato contínuo, chegou a Brasília?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Quanto às dez violações que remanesceram, todas por falta de carregamento, foi também dito para a senhora pelo funcionário que, sempre quando voltou a carregar, a funcionar, estaria no endereço da residência da senhora, no Município de Niterói?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim, foi dito.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Está bom. Era só para esclarecer que essas 17 violações, na verdade, não existiram, em homenagem à pergunta do Deputado Carlos Sampaio. A outra é a seguinte, ainda em função da pergunta do Deputado Carlos Sampaio. É que ficou a senhora 1 ano e meio sendo investigada, depois do assassinato do seu marido, e nenhuma testemunha ou nenhum filho afetivo ou de sangue foi registrar qualquer coação, qualquer ameaça da senhora contra um filho afetivo, um filho adotivo, um filho biológico ou uma testemunha. Estou correto em dizer isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sim.

O SR. ANDERSON ROLLEMBERG - Era só isso. Eu estou agradecido pela oportunidade.

Passo a palavra à Dra. Janira Rocha.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Obrigado, Dr. Anderson.

Eu concedo agora a palavra à Dra. Janira.



A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada, Excelência. Eu peço vênia a V.Exa. antes de iniciar a inquirição, até para que a defesa possa exercer essa defesa de forma bastante séria. Há uma questão inicial que diz respeito à metodologia adotada pelo ilustríssimo Relator e a sua Assessoria. Durante este processo, a instrução processual feita nesta Comissão de Ética, em diversos momentos, a defesa, ao inquirir testemunhas, teve sua atenção chamada pelo eminente Relator porque estaria fazendo perguntas que dizem respeito exclusivamente ao processo criminal. Foi dito que aquelas questões não eram pertinentes, porque este aqui era um processo político, e aqui seriam tratadas as demandas políticas, e não as demandas criminais. Com alguma dificuldade, a defesa tentou se colocar dentro desses marcos. Houve um momento em que a defesa fez uma discussão com a Presidência e com o Relator questionando a parcialidade do próprio Relator, na medida em que teria, numa *live* de 1 hora e 19 minutos, feito afirmações que corroboravam inclusive o que já tinha falado aqui: que nós não trataríamos do crime em si, das acusações do crime em si, trataríamos de outras demandas que tinham a ver com a conduta da Deputada do dia do crime até agora e que essas questões diriam respeito a um levantamento, a um monitoramento que o Relator estaria fazendo do comportamento e da conduta da Deputada na Internet e que, sim, sobre essas questões seria feito o debate. A defesa solicitou uma reunião com o Presidente e com o Relator. Fomos recebidos com muita presteza, com muita cordialidade. Estabelecemos esse debate. Foi reafirmado mais uma vez pelo Relator que, sim, na verdade esse monitoramento iria versar principalmente sobre as questões cautelares, sobre as denúncias de violação de cautelares, como ameaça à testemunha, a questão da torçãozeira, enfim, e também sobre outras demandas que eles viessem a olhar. E aí inclusive ele nos deu uma lista dessas questões que seriam divulgadas. Eis que aqui hoje a gente vê o Relator perguntando sobre fatos que dizem respeito diretamente ao crime, à autoria do homicídio, à tentativa, às contradições. Esta defesa acha pertinente. Só que, para que nós possamos exercer a defesa da Deputada, é preciso que tenhamos delimitado claramente sobre quais condutas a Deputada será avaliada exatamente. Qual é a metodologia da Comissão? É uma pergunta. Eu não posso sair inquirindo a Parlamentar antes de eu entender a metodologia desta Comissão, porque aqui o Relator perguntou do bife, perguntou da visita, perguntou de exames, perguntou sobre o falecido, a vítima, o Pastor, sobre a influência do Pastor no mandato. Inclusive, é até estranho: o próprio Parlamentar aqui sentado conta com a sua Assessoria para poder fazer o trabalho que está



fazendo. Enfim, antes de fazer a minha inquirição, eu gostaria de um esclarecimento do Relator: para onde nós vamos? Que condutas nós estamos avaliando objetivamente? Pergunto isso porque, para que nós possamos fazer o contraditório, é necessário que tenhamos as condutas delimitadas. E eu confesso certa dificuldade de fazer isso sem que essa metodologia seja aclarada pelo eminente Relator.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Bom, Dra. Janira, eu acho que não há nenhuma dúvida quanto ao roteiro desta oitiva. Ele foi lido com muito... Aliás, eu sou muito prudente e acho que falo muito claramente. Eu esclareci todo o roteiro da nossa oitiva e estou, dentro do princípio da ampla defesa e do contraditório, princípios constitucionais pétreos, sendo absolutamente tolerante, sempre na finalidade de nós praticarmos a convicção nos participantes desta corte ética.

Eu não sei se o nosso ilustre Relator, que tem a discricionariedade de conduzir a oitiva dele como achar mais adequado, quer fazer algum comentário a respeito dessa sua questão de ordem.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Em breve.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Eu vou passo a palavra ao ilustre Relator, o nobre Deputado Alexandre Leite, que, aliás, é um Deputado extremamente competente e dedicado a esta Comissão, para que faça as considerações que ele achar pertinentes.

Mas eu acho que a oitiva transcorreu dentro da maior cordialidade. E eu tive muito cuidado para deixar que se exerça o devido processo aqui, para que a justiça se faça ao final.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Dra. Janira, todas as indagações feitas à Deputada Flordelis são referentes e inerentes ao conteúdo da representação. Na reunião, disse e repito, não há questão sobre cautelares. E não lhe dei lista alguma. Desculpe-me por dificultar o seu trabalho, mas foi tudo feito sob a ótica do Regimento, do procedimento, do que consta na denúncia, aliás, na representação.

Então, Presidente, concludo esta fala sem mais delongas.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Muito obrigado, ilustre Relator.

Devolvo a palavra à Dra. Janira, para que faça, se desejar, as devidas inquirições à nossa Deputada Flordelis, representada nesta oitiva.



A SRA. JANIRA ROCHA - Excelência, eu agradeço a vossa deferência e a do próprio Relator, no sentido de que todo o nosso trabalho está sendo feito religiosamente dentro de todas as normas e do rito processual legal. Eu queria, sim, fazer algumas perguntas. Primeiro, Deputada Flordelis — a senhora não pode falar o nome, porque foi definido judicialmente que a senhora não poderia, mas eu posso —, existe, no seu processo, o que é chamado de núcleo financeiro, que era um núcleo de filhos, nora e tal que, enfim, participavam da administração financeira: a Luana Pimenta; o Wagner, que é o Misael Pimenta; o Daniel; o Alexander Matos; e tal. E a senhora disse... A senhora já afirmou, em alguns momentos, que esse grupo teria interesses financeiros e políticos nessa sua acusação. Aliás, no processo, toda essa narrativa que a senhora vive hoje inicia a partir do depoimento desse núcleo, dando esta narrativa que foi a narrativa comprada pela mídia, enfim, pelo próprio Judiciário. Eu gostaria que a senhora explicasse que interesses esse grupo tem — interesses políticos, interesses financeiros. Eu gostaria que a senhora exaurisse essa relação dessas pessoas nesse seu caso.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Com a minha queda, lógico, com a minha saída do cenário político, o filho que me acusou ganharia poderes extraordinários no Município onde ele exercia a função. Esses outros filhos também seriam beneficiados. Mesmo com todo esse cenário negativo contra a minha vida, com todas essas falsas acusações, eu continuei fazendo as minhas *lives*. E, se olharem para as minhas *lives*, são com mais de 1 milhão de visualizações, *lives* cantando, orando, pregando ou agradecendo o apoio das pessoas que têm me apoiado em todo o Brasil. Há interesses políticos de dominarem o Município de São Gonçalo. O domínio seria no segundo maior reduto eleitoral do meu Estado, o Rio de Janeiro. Para isso, precisariam, obviamente, com todos esses seguidores, me tirar do cenário político. Mesmo com meu canal parado... Quando o crime ocorreu, eu tinha cerca de 170 mil inscritos. Hoje, mesmo com o canal parado — eu não uso meu canal —, eu tenho 316 mil inscritos no meu canal. Então, isso incomoda muita gente.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, durante esse processo judicial, teve uma filha da senhora que foi, enfim, recolhida a um abrigo em função de acusações que foram feitas e colocadas no processo dizendo que a senhora teria sido responsável por uma automutilação dessa menor. A senhora pode esclarecer, por favor, esse episódio, ou seja, naquela época, o que aconteceu? E como está a situação da sua filha abrigada hoje?



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Posso falar?

A SRA. JANIRA ROCHA - Vai.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - A minha filha, durante todo esse episódio que aconteceu... É óbvio que afetou todos nós dentro de casa. Um assassinato, uma morte, prisões, polícias chegando às 6 horas da manhã à minha casa, portas sendo arrombadas... Isso causa traumas. Em um culto... A minha filha é adolescente. Adolescente, quando se envolve com outros adolescentes, realmente foge um pouquinho do controle. Em um dos cultos, ela saiu com as amiguinhas da igreja para o lado de fora do culto, do templo, no pátio, e a obreira... Uma das obreiras que estavam trabalhando no culto foi abordar as meninas para que elas entrassem de forma agressiva, e a minha filha respondeu. Ela não aceitou que a moça falasse com ela daquela forma. Em uma das falas ela disse inclusive que não era mãe dela: *"Minha mãe não fala comigo desse jeito."* E a moça começou a dizer que ela era um lixo. Chamou a minha filha de lixo e disse que melhor seria eu não tê-la adotado, tê-la deixado no lugar de onde ela veio, no lixo. E continuou afirmando que a minha filha não passava de um lixo. Isso afetou emocionalmente demais a minha filha. Ela chegou em casa, não comentou nada. E ela... O que me estranha, Relator, também nesse caso, Presidente, é que a minha filha, quando se mutilou... Foi fotografado o momento da mutilação, dos cortes, foi apresentado em juízo contra mim, e quem filmou e fotografou não foi punido. Deixaram uma adolescente se cortar para poder me incriminar. Isso é monstruoso demais. Eu... Quando cheguei em casa de uma audiência onde essas fotos foram mostradas — infelizmente, as audiências são mostradas na mídia —, a minha filha estava em desespero. Quando eu cheguei em casa, ela gritava, dizendo: *"Mãe, eu te prejudiquei"*. Eu falei: *"Não, não, você não fez nada contra a mamãe. Você não tem culpa da crueldade das pessoas"*. A minha filha passou mal, e eu a mandei para o hospital. Ela foi internada numa clínica. Ela falava em querer morrer. Ela foi internada por causa disso, por falar em querer morrer, que ia se matar, e pelos ferimentos, que já estavam até curados. Ela ficou alguns dias internada. *(A oradora se emociona.)* Eu passei o dia de aniversário inteiro com a minha filha no hospital. Dormi junto com ela, na cama com ela, porque ela dormia comigo depois da morte do pai. E, no dia da alta, a gente estava preparando uma festa para a minha filha em casa. Quando meus filhos foram buscá-la, ligaram dizendo que a minha filha estava sendo levada para um abrigo. Minha filha foi punida por algo que ela não fez. Eu fui punida por algo que eu não fiz. *(A oradora se emociona.)* O médico psiquiatra



já tinha escutado a minha filha. O psicólogo já tinha escutado a minha filha. E eu pergunto: a fala de um técnico, de um psiquiatra, de psicólogos do hospital, da clínica onde ela estava internada, não tem validade alguma? A minha filha foi assistida por psiquiatras e psicólogos. Ela contou a história verdadeira para eles. Não foi levado em conta isso. Minha filha foi para um abrigo. Minha filha passou Natal e Ano-Novo dentro de um abrigo. Outras meninas foram para casa de padrinhos, e a minha filha ficou sozinha com os adultos, dentro de um abrigo, Natal e Ano-Novo. A minha filha acabou de se mutilar de novo, de se cortar de novo, lá dentro do abrigo. Já foi dito pelas pessoas do abrigo que a minha filha sente falta de casa, sente muito a minha falta. Eu fui proibida de ver a minha filha. Só consegui através da Justiça. E, quando eu chego lá, eu saio... Todas as vezes que eu saio de lá, minha filha está gritando e chorando, pedindo que eu a leve para casa. E eu pergunto: por que a minha filha está sendo punida dentro de um abrigo? Ela tem a casa dela, a família dela. Emocional se cura com amor e com medicação. A minha filha está tendo medicação, mas não está tendo o amor e o carinho de que ela precisa. Eu vou repetir: esta semana, eu fui ver a minha filha, e a mãe do orfanato falou: "*Fala para a sua mãe o que você fez de novo*". (A oradora se emociona.) Ela levantou o casaco e ela estava cortada de novo. Até quando a minha filha vai ser castigada desse jeito? E por que as pessoas que fotografaram ela se cortando a primeira vez não foram punidas? A juíza do caso da Vara de Infância e Família é irmã da juíza do processo. Por que ninguém está vendo isso? Por que essas coisas estão acontecendo? Perdoem-me por perder a calma, mas é uma mãe. Aqui não está a Parlamentar, não. Aqui está uma mãe que está vendo a filha sofrer de forma assustadora. A minha filha se cortou. E, se a minha filha tirar a sua vida, quem é que vai ser responsabilizado por isso? Ela tem mãe. Ela tem família. Ela precisa voltar para casa. Ela não pode ser punida por algo que ela não fez. Se alguém a chamou de lixo, essa pessoa precisa ser punida. Quem fez isso precisa ser punido. Alguém ofendeu a minha filha e disse que ela era lixo. E nada aconteceu. A pessoa não foi chamada em juízo, nada aconteceu em relação à situação da minha filha.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, existe uma TV chamada *Rede Rio TV*, que faz uma cobertura da sua situação, do seu caso, desde a época do assassinato até hoje. Inclusive, essa *Rede Rio TV* é responsável pela distribuição desse Dossiê Flordelis — é assim que eles se referem — para vários sites e blogs do mundo inteiro. Inclusive, nos Estado Unidos, na Espanha, em Portugal, na França eles falam isso durante o momento



em que estão lá fazendo os programas a seu respeito. Segundo fontes próprias, essa *Rede Rio TV* seria uma TV evangélica, seria uma televisão dirigida. Os donos e também a direção, enfim, o responsável por toda a produção desses programas a seu favor é um grupo evangélico. V.Exa. tem conhecimento disso? Sabe que grupo é esse? Que interesses políticos têm por trás dessa ampla e farta distribuição? Diversões, porque, na verdade, não é que filmam e levam; não, eles filmam, colocam uma versão, criam uma versão e distribuem. V.Exa. tem conhecimento disso, sabe identificar que grupos políticos estão por trás disso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Como eu disse aqui, eu não tenho o hábito, é um princípio meu, de acusar pessoas sem provas. Eu seria leviana de fazer isso. Mas existem interesses muito grandes, porque à medida que as minhas *lives* ainda continuam dando 1 milhão de visualizações; à medida que várias pessoas do Brasil inteiro, e não estou falando mais do meu Estado, mandam mensagens de apoio — são milhares e milhares de pessoas que mandam mensagens de apoio, presentes para minha casa que eu recebo diariamente, e eu faço vídeos, algumas vezes, agradecendo esses presentes, não todos, porque não dá — e pelo aumento, também, de inscritos no meu canal, isso tudo, doutora, incomoda, não só os políticos, mas grupos evangélicos. Isso porque, à medida que as visualizações, ao invés de descerem, como eles pensavam, continuam subindo, e à medida que as inscrições continuam também subindo, é prova de que tem uma boa quantidade de pessoas que ainda acreditam e apoiam a Flordelis.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, a senhora foi acusada de ter participado da colocação de uma bomba na casa de uma testemunha. Inclusive, em função disso, dessa acusação, que abriu o inquérito, mas não restou ainda conclusivo esse inquérito, ou seja, não existe uma prova objetiva de que isso realmente aconteceu, mas o que objetivamente está colocado é que a senhora, inclusive, teve a torção, foi colocada a torção por supostamente participar da colocação de uma bomba na casa da testemunha Regiane. O que a senhora me fala sobre isso? O que a senhora explica sobre isso? Quais são os fatos que realmente... Como a senhora realmente está envolvida e colocada nessa situação da bomba da casa da Sra. Regiane?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Vários nomes já foram citados, não só o meu, porque, felizmente, no dia dessa acusação, eu estava em Brasília, no meu apartamento funcional. No dia dessa acusação, vou repetir, eu estava em Brasília, no meu apartamento



funcional. Nenhuma prova foi mostrada da Deputada, da pessoa Flordelis, colocando uma bomba. Nenhuma prova foi colocada nos autos até hoje. Mas, mesmo assim, Sr. Relator, mesmo assim, Presidente, uma tornozeleira foi colocada na minha perna, me impedindo de exercer minha função de cantora, até porque, mesmo na pandemia, eu tenho recebido convites de agendas para cantar em outros Estados, como Bahia, Manaus, em igrejas, com restrição de pessoas — eles respeitam as restrições —, e que me ajudariam muito financeiramente. Sem nenhuma prova, a juíza acatou, acataram a acusação e me colocaram uma tornozeleira, algo que não dá para entender.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, a senhora foi acusada também de usar suas prerrogativas parlamentares para, enfim, de alguma forma manipular a realização do processo, fraudar a questão do processo. A senhora já explicou aqui a questão da visita aos filhos, já disse exatamente como as coisas aconteceram, já oficiamos, inclusive, a Comissão em relação a isso. Mas a senhora, em algum momento, usou suas prerrogativas para ser ouvida em seu gabinete, e não em sede policial? A senhora usou suas prerrogativas ou fez algum nível de articulação política no sentido de mudar os delegados que estavam participando do seu inquérito policial?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Eu jamais fiz isso. Jamais fiz tal coisa. Quando eu fui levar a custódia para os meus filhos, foi na época da pandemia, como eu já falei, porque eu fiquei muito preocupada, como mãe, que eles contraíssem o vírus e morressem por falta de medicação. Uma das principais coisas que eu levava eram remédios. Se olharem lá vão ver a quantidade, até excessiva, de remédio que eu levei. Eu nunca deixei de atender a uma intimação — nunca deixei! Houve um relato, colocado no processo, de que eu tinha feito isso. Eu estava no meu apartamento funcional em Brasília. Eles tinham os dois endereços. Eu nunca deixei e nunca participei da saída de nenhum delegado. A saída da Dra. Bárbara Lomba foi feita junto com outros delegados. Se olharem, ela não foi a única delegada que foi tirada de uma delegacia e enviada para outra. Foi num processo que eu olho como um processo normal, porque foram vários delegados tirados, vários delegados transferidos. Eu jamais fiz ou faria tal coisa.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, no total, entre os seus filhos próprios e os seus filhos adotados, seus filhos afetivos, quantos filhos a senhora tem?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Cinquenta e cinco.



A SRA. JANIRA ROCHA - Desses 55, quantos filhos estão depondo contra a senhora — depuseram ou em sede judicial ou aqui, na Comissão de Ética? Dos 55, quantos filhos depuseram contra a senhora?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Espere aí. Vou afirmar de forma correta para não errar nessa enumeração. *(Pausa.)*

Filhos, filhos...

A SRA. JANIRA ROCHA - Entre afetivos, entre todos.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Cinco.

A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada. Dos 55, 5, efetivamente, participam das teses de acusação. Deputada, na questão que foi trazida aqui pelo nosso eminente Relator, ou seja, sobre a questão que foi relatada pela senhora, logo nos primeiros depoimentos em sede policial, existe ou não existe no seu processo a moto? Existe ou não existe? Foi detectada ou não foi detectada, dentro do seu processo, a presença da moto, que a senhora depois, em sede policial, disse que viu no dia dos fatos?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - A própria delegada, em depoimento, disse que foi vista, pelas câmeras, a motocicleta. A própria delegada falou em depoimento.

A SRA. JANIRA ROCHA - Sim, aqui, na própria Comissão de Ética. É isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Foi no fórum, quando houve as oitivas — é oitiva que se fala, não é?

A SRA. JANIRA ROCHA - Isso.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - No fórum, a própria delegada falou da existência dessa moto. Eu quero repetir aqui: em nenhum momento eu disse que a moto foi nos seguindo até a nossa casa.

A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Chamou-me a atenção, por ser uma moto, por ter dois ocupantes, a forma como que eles estavam vestidos. E na madrugada, quem conhece o Rio de Janeiro, sabe o quanto é perigoso. Eu fiquei atenta a esse detalhe, que me chamou a atenção e mencionei. Mas não disse, de forma alguma, que eles foram até a minha casa, me seguindo na rua de casa.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, foi questionado à senhora da sua capacidade de permanecer no seu cargo de Parlamentar e de dar continuidade ao seu mandato, na medida em que a senhora relata o papel importante que o seu falecido esposo cumpria no



seu mandato. Foi perguntado à senhora se teria condição de continuar nesse mandato. A gente sabe que aqui, na Câmara dos Deputados, todos os Parlamentares têm um conjunto de assessores que criam as condições para que esse Parlamentar possa desenvolver as suas atividades. Esta própria Comissão de Ética é um exemplo disso. A senhora tem, hoje, assessores que a senhora reputa capazes de lhe dar esse suporte, para que a senhora continue mantendo o seu mandato, fazendo o trabalho que a senhora coloca como prioritário, que é o atendimento nas comunidades pobres do seu Estado, que é a discussão da adoção? A senhora acha que, a despeito de não ter mais o seu marido, mas usando de assessoria, como todos os Parlamentares desta Casa usam, a senhora acha que teria condição de manter o seu mandato e desenvolver esse trabalho?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não só o meu mandato, como a minha carreira de cantora. Meu marido era meu empresário, também meu articulador como cantora. Eu continuo com a minha tarefa, eu continuo com a missão, eu continuo cantora gospel, continuo tendo pedidos de agendas e continuo exercendo o meu papel de Deputada, de Parlamentar. Hoje, não mais. Eu só tinha o meu marido como meu principal articulador. Hoje eu tenho meus assessores articulando todas as coisas que eu preciso para mim. Eu tenho assessores de total confiança, que estão me dando total suporte. E não só assessores, mas eu tenho, dentro da Casa, amigos Parlamentares a quem eu telefono quando eu tenho alguma dúvida. Eu vou repetir: eu estou fazendo faculdade de ciências políticas, porque eu preciso aprender cada vez mais, para trazer orgulho aos meus eleitores, ao meu Estado do Rio de Janeiro.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, a respeito do depoimento do seu filho Lucas, uma leitura pormenorizada do seu processo, vai ver que, na primeira fase, em inquérito policial, ele prestou depoimento de uma forma, ou seja, isentando V.Exa. de qualquer tipo de participação no crime. Na segunda fase — na verdade, foi na primeira fase do júri, na fase de admissibilidade —, ele também fez um depoimento. Diante da juíza do seu caso, ele afirmou que sabia que a mensagem não era de V.Exa., porque ele conhecia o seu linguajar — isso está escrito no processo, aliás, está filmado; essa oitiva dele foi filmada e consta dentro do processo —, que ele conhecia a forma como a senhora falava e tal. Então, pela forma como as respostas das mensagens voltaram para ele, ele viu que aquele linguajar era da irmã Marzy e também pela rapidez com que ela respondia. Porque ele sabia que, quando ele mandava mensagem para a senhora, ele mandava a mensagem e a



senhora demorava 2 ou 3 horas. Às vezes retornava a resposta até no dia seguinte. E, naquele diálogo, houve não só a identificação da forma escrita, mas também houve uma resposta muito pronta, muito rápida e tal. Então, esses foram os depoimentos dele lá. Tem razão o eminente Relator, quando diz que, aqui na Comissão, ele não diz que a senhora é responsável — há uma diferença — pelo crime de homicídio e tentativa, mas diz que a senhora seria, sim, responsável pela carta, pela escrita da carta. Então, nós temos três depoimentos em três momentos diferentes do seu processo. Em dois, ele faz depoimentos favoráveis à senhora. No terceiro, ele já faz um depoimento contrário à senhora. A senhora falou, mas a senhora não explicou bem isso. Está patente aqui, ou seja, o Relator escolheu um desses momentos, que foi o momento que ele lhe acusa. Mas existem dois momentos anteriores em que ele diz que a senhora não é responsável. Eu queria que a senhora falasse um pouco mais sobre isso, que a senhora, enfim, tentasse explicar para a Comissão — a senhora falou, mas acho que não foi bem detalhado —, que a senhora tentasse explicar para a Comissão em que momento a senhora percebe essa mudança de perspectiva do seu filho; em que momento ele sai de dois depoimentos favoráveis a V.Exa. e vem para um terceiro momento com um depoimento já lhe responsabilizando por fraude processual na questão da carta na penitenciária. Eu queria, e eu acho que o Relator e todos nós merecemos uma explicação melhor de V.Exa. em relação a isso.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Causa-me estranheza, doutora, Relator, Presidente e todos os que estão aqui presentes, causa-me estranheza o poder que uma das testemunhas de acusação exerce sobre o meu filho. Foi dada a ela o direito de visitação ao meu filho, quando ele tem outros irmãos que não moram na casa, que poderia ser dado o direito de visita. Essa moça não é nada do meu filho, mas foi dada a ela o direito de visitar o meu filho. Por que isso foi feito, se as visitas, durante a pandemia, estavam proibidas? Só mãe, pai, parentes muito próximos, irmãos poderiam visitar. Amigos não poderiam. Mas a esse meu filho foi dado o direito a essa moça de visitar e cuidar. Estranhamente, quando o meu filho é tirado de uma sala de audiência, essa moça também entra com a juíza e o promotor dentro de uma sala secreta para uma conversa. E todos os advogados, por quem eu procurei até agora informações, disseram que isso não é algo normal que aconteça durante uma audiência, mas aconteceu. Os depoimentos do meu filho cada vez se tornam mais contra mim. E eu queria que algo fosse feito em relação a isso, que me explicasse, porque, desde que o meu filho foi trabalhar nessa oficina, meu filho saiu de casa.



Presidente, meu filho não tinha condições de morar em lugar algum. Não foi me dado o endereço de onde meu filho estava, e o meu filho era de menor. Eu entrei em embate com essa mulher porque ela deixava meu filho de menor dirigir o carro dela, e o meu filho é negro. E uma senhora, por eu ser conhecida e respeitada na localidade onde eu moro, veio me chamar e falar: *"Olha, o seu filho está dirigindo um carro importado e ele é de menor. A senhora precisa ver isso"*. E eu fui abordar essa senhora, dona da oficina. E ali começou a nossa inimizade. Eu disse para ela: *"Meu filho não veio trabalhar na sua oficina para ser seu motorista particular, e ele está dirigindo para você"*. Ela disse: *"Não, é só em algumas coisas"*. Eu falei: *"Não quero o meu filho dirigindo, ele é de menor. Imagine numa blitz, ele ia fazer um favor para você. Uma blitz policial, ele toma um susto e avança. Meu filho vai morrer cheio de tiros. Eu não quero que isso aconteça mais"*. Logo na saída de casa, que meu filho saiu de casa para ser traficante, para trabalhar para o tráfico de drogas, o meu filho desaparece. E eu começo a procurar o meu filho. O meu filho mais velho, o Pastor Carlos, o encontra, encontra o endereço, e eu vou lá. A porta está aberta. Eu entro na quitinete, e a quitinete tinha geladeira, televisão, fogão, cama, armário, tinha tudo, inclusive uma touca de ninja guardada no armário do meu filho. Quem foi que alugou essa quitinete? Porque ele não tinha nome para alugar uma quitinete.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Eu quero aqui interromper a fala da ilustre patrona da nossa representada e passar a palavra ao Relator, que tem essa prerrogativa de interromper quando ele achar necessário.

Nosso ilustre Relator, por favor, com a palavra.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Serei mais uma vez breve, Presidente, para alguns esclarecimentos. Primeiro, para que os conselheiros Deputados desconsiderem as questões relativas à bomba, tornozeleira e automutilação, que não são objeto da representação. Quanto ao Lucas, eu gostaria de saber da Deputada Flordelis — pelo ECA e à época dos fatos, ainda menor de idade, pelas acusações, o Lucas ficará no máximo preso até 3 anos — o que ele ganha atribuindo a V.Exa. culpa, mudando o depoimento, sendo que não vai alterar, até 3 anos no máximo ele pode ficar preso, segundo o ECA? O que ele vai ganhar atribuindo a culpa a V.Exa.? Essas são coisas que não batem em todo o processo, coisas conflitantes e ilógicas. É esse tipo de afirmação que nos deixa confusos no processo. É um processo confuso, mas é uma coisa que temos que tentar dirimir aqui para conseguirmos sanar essas dúvidas. Qual motivação ele teria, sendo que



ele não tem nada a ganhar te acusando dos fatos? Ele já vai ficar preso, no máximo, 3 anos — ele não vai diminuir essa pena dele — ou até menos, possivelmente.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Motivação — para mim, tá? —, como mãe, eu posso dizer que essa motivação é puramente financeira, porque, ao sair da cadeia, ele precisa ter segurança. Como eu disse, ele já morava numa quitinete alugada. E até hoje não sabemos... Depois ele se mudou para outra quitinete. Ele não tinha nome para alugar uma quitinete. Alguém alugou essa quitinete para que ele morasse. Quem foi que alugou? E por quê? Por que essa influência dessa senhora sobre a vida do meu filho? Além de ela ter essa influência sobre o meu filho, ela já cercou os irmãos do meu filho — e eu falei isso —, em padaria, para mostrar a foto da mãe falecida. E convidaram as minhas filhas para morarem com ela em troca de informações, de dentro da minha casa. Por que essa mulher está fazendo isso? Eu não sei realmente responder na totalidade a sua pergunta, Relator, porque é uma pergunta que eu também faço a mim sempre: por que o meu filho está fazendo tudo isso? Há alguma coisa muito suja por trás disso tudo para me incriminar. Infelizmente, estão usando de todos os tipos de ferramentas para fazerem isso. Uma coisa que eu posso afirmar para o senhor: eu não tenho participação nesse crime. A única coisa que eu posso afirmar para o senhor é que eu sou inocente. Quero pedir, encarecidamente, não só ao senhor, mas a todos desta Comissão, que me deixem continuar com o meu mandato.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Volto a palavra para a ilustre patrona da nossa representada, a Dra. Janira, por favor.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, é de conhecimento da senhora que no processo consta atos, dentro do seu processo, em que a juíza, que reiteradamente negou a transferência de todos os seus filhos de presídio, ou seja, de unidade prisional, não... As defesas de todos os seus filhos pediram, primeiro, relaxamento de prisão, pediram para que fossem transformadas em prisão domiciliar, pediram a transferência das unidades prisionais, e todos os pedidos, de todos os filhos, foram negados. A senhora tem ciência de que apenas o seu filho Lucas teve autorização para a transferência de unidade prisional e também para receber visitas, burlando, digamos assim, não é burlar porque foi uma decisão judicial, mas ele recebeu. Havia uma orientação, assinada pela juíza, do seu caso, dizendo que ele poderia receber visitas sem carteirinha. Ou seja, é regra dentro do sistema prisional que para visitar um interno todo mundo tem que ter carteirinha; o seu filho Lucas, não. O



seu filho Lucas recebeu visitas de pessoas que estavam autorizadas judicialmente a não terem carteirinha, e foi, diferente de todos os outros filhos, o filho agraciado com a transferência. A senhora acha que isso é relevante para uma pessoa que... Nós conhecemos o sistema prisional brasileiro. O próprio STF disse que os presídios no Brasil são um estado inconstitucional de coisas. O STF fez uma audiência pública — e continua fazendo, porque há uma outra marcada — para discutir tortura, maus-tratos, tratamento degradante. Então, uma transferência de unidade prisional e uma carteirinha, ou seja, alguém poder visitar sem carteirinha, pode, sim, constituir um privilégio para o seu filho?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Com certeza. E o que me causa estranheza é que há uma ordem nesta pandemia e as visitas ficaram restritas. Só familiares podem fazer essas visitas. E essa senhora não é nenhum tipo, não tem nenhum tipo de vínculo familiar com o meu filho...

A SRA. JANIRA ROCHA - E o visita sem carteirinha.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - ...e tem total autoridade para visitá-lo a qualquer momento.

A SRA. JANIRA ROCHA - Sem carteirinha, sem carteirinha.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso me causa estranheza. E isso mostra que alguma coisa estranhíssima está acontecendo por trás disso tudo.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada — a senhora não pode dizer o nome dela, mas eu posso —, essa Regiane, que é a testemunha, que é a pessoa que visita o seu filho, a senhora sabe dizer à qual denominação religiosa ela pertence, a qual grupo religioso, a qual igreja ela pertence?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Ela é obreira e amiga pessoal até dos líderes — foi isso o que ela relatou para mim — da Igreja Universal do Reino de Deus.

A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada, Deputada. Deputada, qual é a idade atual do Lucas?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - O Lucas tem 19 anos.

A SRA. JANIRA ROCHA - Dezenove anos.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Isso.

A SRA. JANIRA ROCHA - O Tribunal do Júri que foi marcado para... No caso, ele está respondendo a um processo apartado do seu, junto com o seu outro filho, o Flávio. O tribunal, ou seja, a sessão plenária para a realização do júri dele já foi marcada para o mês



de dezembro. Ou seja — ele tem 19 anos —, em dezembro, ele vai estar respondendo ao júri, em Niterói, num processo apartado do da senhora. A senhora tem conhecimento disso também, não tem?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Tenho.

A SRA. JANIRA ROCHA - Então, fica registrado. Bom, partindo agora para as questões levantadas pelo Deputado Carlos Campos, desculpe, Carlos Sampaio, não é?

O SR. CARLOS SAMPAIO (Bloco/PSDB - SP) - Carlos Sampaio.

A SRA. JANIRA ROCHA - Eminente Parlamentar, atuante, enfim, membro do Ministério Público em São Paulo, ex-membro, uma pessoa que acho que tem muito a contribuir aqui neste processo. O Deputado falou da questão de se respeitar o devido processo legal e o amplo direito de defesa. Deputada, a senhora tem conhecimento de que vários fatos que foram trazidos ao seu processo, inclusive, através de recortes... Eu acho que o Relator e os outros assessores aqui tiveram oportunidade de ler o seu processo, de mais de 20 mil páginas, que, aliás, para entender o processo da Deputada tem que se ler também os dos outros filhos, porque está bem desorganizado. Formalmente, o processo é muito difícil, inclusive, de se construir a defesa por causa dos erros processuais, enfim, reconhecidos pelo MP e reconhecidos pela própria juíza, que, internamente ao processo, vem brigando para que ele seja regularizado, a justiça seja feita. Mas dentro do seu processo nós temos vários recortes de jornais. Ou seja, a fonte jornalística é uma fonte muito forte de informação dentro do seu processo. Existem momentos, por exemplo, eu vou citar um — e acho que a senhora deve se lembrar de outros —, por exemplo, a senhora esteve com quatro pessoas, se eu não me engano, um filho e três assessores, visitando um familiar em Macaé, e foi a uma loja. E dentro dessa loja a senhora foi fotografada. Essa foto foi feita com um recorte. Tiraram os seus familiares, as outras pessoas que estavam com a senhora, e mostraram só a senhora e um rapaz. E aí, esse recorte virou a ilustração de uma matéria que dizia: "*Flordelis, a assassina, vai casar de novo e morar em Macaé*". Então, a realidade, aquela imagem, a senhora numa loja com familiares, com assessores e com várias pessoas foi transformada numa versão de que a assassina Flordelis estava na loja com o seu novo *affaire*, com o seu novo namorado, e que estava fazendo compras para um suposto enxoval, porque iria morar em Macaé. Essa notícia existe, né? Ela é fato.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Hum, hum!



A SRA. JANIRA ROCHA - A gente vai colocá-la dentro do processo. Mas ela é uma ilustração de várias outras notícias que foram levadas ao seu processo, que foram... A senhora diz "a", aí os blogueiros, uma parte da mídia... É importante dizer aqui que não é toda a mídia, existe mídia responsável, existe mídia que diz que... Inclusive vai contra a senhora, contradita. Mas é uma mídia responsável com a verdade e existe uma parte da mídia que não tem nenhuma responsabilidade ética com a verdade. E várias dessas matérias estão dentro do seu processo levadas pelo MP, levadas pela assistência de acusação, levadas, enfim, por outras pessoas e tal. A senhora reconhece essa prática dentro do seu processo? A senhora se sente perseguida por esse tipo de mídia? Que outras situações a senhora pode falar para demonstrar aqui para a Comissão que nem sempre o que está dito pela mídia reflete uma realidade? Que a senhora realmente é vítima de uma perseguição, por uma parcela irresponsável dessa mídia? Além desse fato, a senhora poderia explicar esse fato e relatar outros momentos em que a mídia subverteu a realidade, realmente, dos fatos?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu, ainda fazendo parte da Comissão do Esporte, fui ao Maracanã, porque eu estava lutando para o VAR ser visto pelos torcedores também, como é feito no jogo de vôlei, porque o momento do VAR, as pessoas ficam ali, e apenas o juiz tem acesso às imagens. E eu comecei a lutar para que as imagens fossem jogadas do computador para o telão, para que todos os torcedores também tivessem o direito de ver, porque eles pagam ingresso para isso. É a minha luta, e ela continua. Eu fui com filhos. Só fotografaram... Fizeram uma foto em que cortaram a minha filha, o meu filho, assessores, e me colocaram apenas na foto com um rapaz e disseram que também era meu namorado, um rapaz de nome Márcio, conhecido como Buba. Graças a Deus, não tive nenhum problema com a sua esposa, porque ele é casado, é pai, tem dois filhos. E a atual esposa, por confiar e me conhecer, não levou isso em conta. Isso me causaria um problema terrível, na igreja, como pastora e como cantora. E também foi feita uma foto, eu, no bairro de Niterói, com o meu assessor Anderson. Eu estava acompanhada de mais duas pessoas, e eles cortaram uma foto e me colocaram apenas com esse assessor. Depois também eu fui acusada de estar com esse assessor. Agora eu sou acusada de estar com esse assessor, inclusive pela sua ex-esposa. Pregações na igreja, eles pegam e tentam usar contra mim na rede social, como eu já disse aqui, em louvores que eu canto. Enfim, eles pegam coisas que eu estou fazendo, que eu faço no meu trabalho normal do dia a dia, e



tentam sempre colocar de forma negativa. Isso tem sido muito duro e muito difícil para mim, porque eu, como disse aqui, não vou parar com meu trabalho de Parlamentar, não vou parar com o meu trabalho de cantora. Eles estão tentando tirar, arrancar de mim a minha vida, mas não vão conseguir.

A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada, Deputada. O Relator, nas suas perguntas, levantou aqui a possibilidade de ser a senhora responsável. Ou seja, ele coloca como uma conclusão, a partir da leitura que ele faz do processo, de ser a senhora a responsável, ou seja, ou corresponsável pela compra da arma. Ou seja, o Lucas diz, no processo — e ele diz isso nitidamente —, que ele ajudou o Flávio a comprar a arma. Ele fala dos valores da arma — se eu não me engano, foram 8 mil reais, que foi o valor pago. E aí, em função desse valor e da situação econômica do Flávio — que foi colocado aqui pelo Relator —, ele reputa que a senhora seria a única pessoa desse entorno familiar capaz financeiramente de bancar essa arma. Então, ele conclui que a senhora teria uma participação em função disso. Dentro desse contexto fático, eu queria lhe fazer uma pergunta: quanto ganha um Vereador em São Gonçalo?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Cerca de quase 12 mil reais. Eu queria deixar claro que existem outros filhos que trabalham e têm renda.

A SRA. JANIRA ROCHA - Antes de a senhora falar isso, Deputada, é o seguinte, assim: quanto ganha o Vereador, 12 mil reais? A senhora teve filho Vereador?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Tive.

A SRA. JANIRA ROCHA - Não precisa citar, porque a senhora não pode citar o nome. A senhora teve um filho Vereador. Esse filho Vereador da senhora fazia parte? Ou seja, ele era dirigente desse núcleo financeiro? Que, no dia seguinte à morte do pastor, ou seja, no dia do enterro, foram à igreja sem avisar ninguém da família, sem nenhuma autorização judicial de ninguém, e retiraram todos os computadores, livros e documentos da igreja que comprovavam a movimentação financeira da sua igreja? Ou seja, esse filho, que era parte da sua família, que estava ali junto e misturado com todos os outros filhos até então — o afastamento dele da sua família se dá após a morte do pastor —, mas, até então, ele estava ali, tinha uma capacidade financeira e era responsável financeiro. E esse filho, no dia do enterro, esteve na igreja e pegou todos os computadores, todos os livros-caixas e nunca mais voltou para lhe dar ciência disso. Por que a senhora acha que esse filho — que tinha capacidade financeira tanto quanto a senhora; que também era um político ligado a vários



políticos do Estado e da região; que no dia seguinte, no dia do enterro, foi lá fazer essa operação de limpeza, de resgate de registros financeiros; que, inclusive, no processo, é quem dá a versão que hoje foi tomada e está contra a senhora —, por que esse filho em nenhum momento foi interpelado judicialmente, no sentido do que os outros foram? Por que não houve quebra de sigilo bancário desse filho? Por que, em nenhum momento, se procurou saber o destino dos livros-caixas, dos computadores? Como a senhora explica isso? Qual a explicação que a senhora tem para que esse filho que tinha essa capacidade, que estava dentro de todo esse cenário, em nenhum momento fosse levantado como uma pessoa que possivelmente cometeu o crime, e a senhora, sim? Por quê? A senhora pode me explicar? A senhora pode me dizer o que a senhora tem a me dizer sobre isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Posso, sim. Algumas coisas eu posso, outras não. Há indagações que eu faço todos os dias a mim mesma das atitudes que ele teve. Foram atitudes estranhíssimas e que não foram investigadas, infelizmente — atitudes comprometedoras, inclusive. Infelizmente, nem o papel que eu encontrei com a assinatura dele — vou repetir: com a assinatura dele —, do montante do dinheiro desaparecido, foi investigado.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Deputada Flordelis, V.Exa. me dá licença? O ilustre Relator quer se manifestar.

Concedo a palavra ao Deputado Alexandre.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Deputada, acompanhando a pergunta da Dra. Janira, ajude-me a compreender: até agora, todas as alegações têm sido em cima de que a mandante do assassinato do Pastor Anderson...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Sou eu.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Foi a Simone.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Há, há.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Essa é a tese que vocês estão defendendo. Agora, há a tese de que o Misael tem motivação política e interesse na morte do Pastor Anderson. Eu gostaria de entender onde essas duas teorias se cruzam.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, Sr. Relator...

A SRA. JANIRA ROCHA - Na verdade, essa pergunta é para mim, não é? A tese é minha.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, Sr. Relator. É... Eu falo da minha parte, tá?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Não, ele está fazendo a pergunta à Deputada Flordelis.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu estou falando de coisas estranhíssimas que ocorreram feitas por ele. Em nenhum momento eu o acusei de ser mandante do assassinato do meu marido. Só falei das coisas estranhas, do comportamento estranho: da retirada dos computadores, de ter pedido a um amigo da família para pegar o celular. Por que a pressa de pegar os computadores, os livros-caixas? Por que a pressa de mandar buscar o celular? Por que não esperar o enterro ou outro dia para fazer isso? Por que tanta pressa para fazer essas coisas? Essas atitudes é que me causam estranheza. Eu falei das atitudes que não foram investigadas.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Onde... A minha questão é: onde é que existe ligação entre a Simone e o Misael que justifique essas imputações? Ele tem interesse político e financeiro e, pelo que V.Exa. diz, ele herdou tudo que era da igreja, e a Simone assume toda a autoria do homicídio. E ainda tem a questão do Lucas fazer outro depoimento, defendido por V.Exa., apesar de ter dito aqui, em depoimento, que V.Exa. é a mandante e que, através da Marzy e de mensagem mandada pela Marzy, foi a mandante. Então, assim, são muitas teorias aqui que não se cruzam, não têm sentido. Eu queria entender o sentido dessas teorias que estão sendo trazidas. Se busca a verdade...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Há, há.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - ...se busca a sua inocência, eu quero entender qual a ligação, qual o nexos entre essas pessoas e os interesses delas.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Da mesma forma, teorias estão me jogando como a mandante desse crime. São teorias, falácias sem nenhuma prova. Me chamam de mandante, me colocaram como assassina. O que eu fiz a colocação aqui... Eles tinham ligações porque eram irmãos, óbvio. Meus filhos eram irmãos uns dos outros. E, em nenhum momento, eu acusei Em nenhum momento, eu acusei o meu filho de ser mandante de crime algum. A minha filha, ela mesma, afirmou ser a mandante e colocou a causa, o porquê de ela ter feito isso. Ela colocou a causa, o porquê disso tudo. Em nenhum momento... Vou repetir para o senhor, essa teoria colocada aqui, da mesma forma, são teorias que foram colocadas para me colocar na cena, no cenário desse crime. Eu só estou



colocando aqui comportamentos estranhíssimos que foram feitos e que eu pedi que fossem investigados, e nada aconteceu, como a exumação do corpo também, que eu pedi, e nada aconteceu. Em nenhum momento, Relator, o senhor me viu aqui acusando ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Foi contemplado, Relator? *(Pausa.)*

Volto a palavra à Dra. Janira.

A SRA. JANIRA ROCHA - Obrigada. Na verdade, Excelência, a nossa discussão aqui não é levantar uma tese de acusação contra ninguém, contra A, B ou C, mas é discutir...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Com todo o respeito que lhe tenho, eu gostaria, até para o bom andamento dos trabalhos, que a senhora continuasse a inquirição à sua representada.

A SRA. JANIRA ROCHA - Sim, mas, para eu fazer a inquirição, eu tenho que fazer essa... ou seja, a minha pergunta necessita dessa contextualização. Na verdade, o que está se questionando não são as pessoas do processo, mas é o raciocínio usado na investigação: *"Fulano tem mais capacidade financeira. Então, se tem mais capacidade financeira, ele é o responsável pelo crime"*. Não existe tese de que fulano é culpado ou sicrano é culpado. O questionamento é o raciocínio usado de que a capacidade financeira leva alguém a ser autor de um crime e é dizer que existiam outras pessoas com capacidade financeira. É verdade isso, Deputada? Existiam, então, na sua família, outras pessoas com capacidade financeira para comprar uma arma de 8 mil reais que não fosse a senhora?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - É claro que sim, inclusive o meu marido. Ele e Flávio, assim, aparentemente, até então, estavam se dando bem, tanto que no seminário de adoção, o Flávio veio a Brasília para ajudá-lo na montagem da, da, da... do, do, do ambiente para o seminário de adoção. Então, existem, na minha família, outras pessoas capazes. Eu não entendi a colocação do Relator. V.Exa. me desculpe, Relator. Eu tenho muito respeito pelo senhor, eu procuro saber a história de vida das pessoas, e eu não entendi quando o senhor colocou que eu sou a única pessoa capaz financeiramente de dar ao meu filho a possibilidade de comprar uma arma. Eu não sou a única pessoa capaz, dentro do âmbito familiar, de comprar essa arma, Relator. Eu não entendi a sua afirmação.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, a senhora... Posso continuar? *(Pausa.)* Obrigada. Já indo para o final, já terminando aqui, eu queria...



O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Fique à vontade. Nós temos aqui até amanhã de manhã. O que eu não quero é cercear o direito de defesa de ninguém.

A SRA. JANIRA ROCHA - Se eu fosse o senhor, eu não falaria isso para esta defesa, porque está arriscado o senhor ficar aqui até amanhã.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Desde que a senhora se atenha a fazer perguntas para a sua representada, eu fico aqui até amanhã.

A SRA. JANIRA ROCHA - Olha, que perigo... Obrigada, Excelência, mas realmente nós já vamos encerrando. Eu gostaria de inquirir V.Exa. sobre um momento... porque, assim, o que é que acontece? Infelizmente, esse processo legislativo se dá num decurso — não é? —, num momento processual... Nós temos um processo anterior que deu base a isso, que é o processo do homicídio, da tentativa, de todas as outras imputações. Acabou de existir a pronúncia neste momento, e a resolução disso vai se dar em julho, que ainda não foi marcado... A Juíza já se colocou, dizendo que quer fazer esse júri ainda este ano. Mas nós vamos entrar agora num segundo momento processual, ou seja, feita a pronúncia, nós entramos num momento de recursos, depois num momento de apresentação de novas testemunhas, novas provas, uma nova prod... Não é? Diligências, que é o 422, até a questão em plenário, onde nós vamos novamente exaurir todas essas provas, todas as questões que foram trazidas. Então, o processo da Comissão de Ética, na verdade, ele se dá dentro da instituição processual. Nós estamos dentro do momento de contraditório...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Desculpe-me interrompê-la, com todo o respeito que lhe tenho.

A SRA. JANIRA ROCHA - O senhor tem todo esse direito.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Até pela sua história. A senhora é uma ex-Parlamentar. Eu a respeito...

A SRA. JANIRA ROCHA - Isso explica, não é?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Eu a respeito muito. Mas eu queria saber qual seria sua pergunta à sua representada, por favor.

A SRA. JANIRA ROCHA - Por favor. Tudo bem. Então, como nós estamos no meio dessa fase, ou seja, a Comissão vai ter que lhe dar uma decisão antes mesmo de que a gente possa lhe dar um julgamento justo, na medida em que a gente ainda está discutindo tudo isso que foi colocado aqui, tem questões que a senhora se contradiz, ou, pelo menos, é a tese da acusação contra a senhora de que existe uma contradição, que, num primeiro



momento, a senhora faz um depoimento em sede policial dizendo que existiu um latrocínio. Depois, num segundo momento, a senhora toma posse da tese de que existia um plano para matar o seu marido e que teria si... que estaria ali entre o núcleo Marzy e Lucas. E, num terceiro momento, a partir de dezembro, quando foram as inquirições num juízo em Niterói, quando a sua filha Simone e Marzy novamente falam, falam sobre a questão do abuso, ou seja, dos abusos que teriam sido praticados lá. E a senhora vem, digamos, tomando posse dos fatos dentro dessa instrução processual. A senhora diz que muitas coisas a senhora não sabia. Ficou sabendo nessa instrução processual.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Uhum.

A SRA. JANIRA ROCHA - Pergunta objetiva: a senhora em nenhum momento, em nenhum momento antes da inquirição feita em dezembro, em sede do Tribunal do Júri... enfim, na primeira fase do júri em Niterói, a senhora, em nenhum momento, soube ou percebeu que existia essa polêmica, ou seja, essa história de que o seu falecido esposo estaria praticando, ou seja, abusos sexuais contra sua filha Simone e, enfim, inclusive contra outras pessoas da sua casa? A senhora ficou completamente alienada disso? A senhora não percebeu em nenhum momento? Antes de ouvir isso, a senhora não percebeu que isso acontecia?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não, senhora. Esses abusos, não. A forma como meu marido me tratava, não é?... Eu não posso... jamais vou fazer isso. Ele me tratava muito bem. Nós nos dávamos muito bem. E talvez seja essa a razão da minha cegueira, o tratamento que ele tinha comigo. Então, em momento algum, antes das minhas filhas... da minha filha ter falado, eu tinha noção disso. E, quando eu falei, não foi em depoimento, foi em entrevista. Quando eu falei que eu acreditava que era roubo seguido de morte, era o que eu acreditava, porque o outro portão da outra garagem — lá em casa são dois portões de garagem —, o outro portão estava arrombado, estava aberto. Ele estava aberto. Ele tinha sido aberto. Arrombado, não, ele estava aberto. Então, quando o portão estava aberto... E relógios caríssimos do meu marido desapareceram. O dinheiro que estava na mochila desapareceu. Todos os amigos íntimos do meu marido sabiam que uma das manias que ele tinha era gostar de andar com dinheiro vivo na mochila. Isso também havia desaparecido. E, naquele momento em que eu falei que acreditava em roubo seguido de morte, naquele momento de trauma, de desespero, era o que eu estava acreditando. Na decorrer do processo, as coisas foram ficando mais claras. Apareceram as outras



situações, até chegar à minha filha Simone, à sua confissão. Antes da confissão dela, realmente, eu não sabia desses abusos sexuais, não sabia o que estava acontecendo dentro da minha casa.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, no programa do Bial, na entrevista que a senhora deu, a senhora disse que os psicólogos e psiquiatras que estavam a atendendo estavam ajudando a senhora a enxergar os abusos que aconteciam no seu relacionamento, ou seja, que a senhora sempre achou que era uma pessoa...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Proteção.

A SRA. JANIRA ROCHA - Que era protegida, que a senhora era uma peça muito rara para o seu marido. A senhora usa muito isso nos seus depoimentos: *"Eu era uma peça rara para o meu marido e tal"*. No programa do Bial, a senhora afirma que esses profissionais da área médica, da área da saúde mental, estavam ensinando, enfim, abrindo para a senhora uma possibilidade para a senhora entender que, também, apesar dessa capa de relacionamento maravilhoso...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Uhum.

A SRA. JANIRA ROCHA - ...que a senhora também vivia um abuso. O que a senhora quis dizer nesse programa do Bial? Qual é a percepção do que a senhora falou? O que efetivamente... A senhora antes achava que era a Cinderela e o seu príncipe. No programa do Bial, o que pareceu para mim — e eu acho que para outras pessoas — é que a senhora veio tomando consciência de que esse reino encantado não era bem assim. A senhora tem condição de dizer aqui, nesta Comissão de Ética, que percepção é essa? O que a senhora percebeu desse relacionamento? Como é que a senhora vê isso? Que ponte a senhora faz do mundo maravilhoso de Alice para essa realidade, que está caindo na sua cabeça agora?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Se a senhora pegar, doutora, vídeos de cultos, na nossa igreja sede, em que meu marido está pregando... Eu sempre chegava atrasada, fora do horário, porque eu ficava o dia inteiro, domingo, na igreja trabalhando, dando atendimento. Quando eu chegava, ele já estava começando a pregação ou já pregando. Eu subia para me arrumar, para tomar banho. Ele parava a mensagem e dizia: *"Vou parar a mensagem, porque a pessoa mais importante da minha vida estará entrando no templo"*. Ele me fazia sentir a pessoa mais especial do mundo para ele.

A SRA. JANIRA ROCHA - Mas não foi essa a pergunta que eu lhe fiz.



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu vou chegar ao ponto da resposta. Eu fazia gabinetes pastorais onde as mulheres falavam dos tratamentos ruins que os seus maridos faziam a elas, e eu me sentia a mulher mais privilegiada do mundo. E, na minha ida aos psiquiatras, porque eu passei por vários surtos, eu gritava o nome do meu marido dia e noite em casa, logo depois da sua morte, pedindo para que ele viesse me buscar, tamanha era a falta que ele me fazia. E me desculpe falar, ainda me faz... *(A oradora se emociona.)* E, de forma dura, mas para me tratar — e eu entendo que é para poder me curar —, esses profissionais da saúde foram falando para mim que, depois do relato, principalmente da minha filha, esses tratamentos que faziam eu me achar especial nada mais eram para abafar o que ele estava fazendo dentro de casa, para que eu não enxergasse o que ele estava fazendo dentro da nossa própria casa. Por isso, eu tinha esse tratamento diferenciado.

A SRA. JANIRA ROCHA - No relacionamento da senhora com o pastor, ele procurava colocar uma redoma em torno da senhora? Ele procurava afastá-la das outras pessoas e não permitir que os problemas das outras pessoas chegassem até a senhora? Ele tinha esse comportamento?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - É que infelizmente, doutora, quando a gente entra em um caso como esse, sendo acusada como eu estou — e a mídia bate desse jeito —, as pessoas não querem se expor. Mas, se perguntarem aos obreiros da igreja, que, infelizmente, não querem se expor... Meu marido fazia reuniões ministeriais e falava para eles: *"Eu não quero que levem nenhum problema para a minha esposa, porque ela já tem muita coisa para fazer"*. Ele fazia reunião familiar e dizia para os filhos: *"Eu não quero que vocês levem problemas para a mãe de vocês. Qualquer problema, eu quero que vocês venham falar comigo, porque a mãe de vocês já faz muita coisa"*. Ele fazia tudo de forma que parecia, para as outras pessoas também, que era proteção, que era cuidado, principalmente... porque, é, é... depois da isquemia — eu tive isquemia —, ele sempre falava em reuniões familiares que os filhos não trouxessem nenhum problema para mim, que contassem só para ele, que ele resolveria. E não era só em casa — eu vou repetir —, na igreja, também. Em reunião de obreiros, ele dizia isso para os obreiros: *"Eu não quero que tragam problemas para a minha esposa. Qualquer dificuldade, venham falar comigo"*.



A SRA. JANIRA ROCHA - Outra pergunta, Deputada. A despeito da sua origem humilde — a senhora veio da favela, do Jacarezinho —, a senhora relatou sempre que é uma pessoa que tem uma origem humilde...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Uhum.

A SRA. JANIRA ROCHA - Apesar de ter um nível de formação acadêmica e de 2º grau...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Uhum.

A SRA. JANIRA ROCHA - Hoje a senhora está tentando, enfim, galgar uma universidade. Mas a senhora, bem ou mal, é uma Parlamentar. Ao ser uma Parlamentar, a senhora acaba sendo introduzida em um ambiente que tem uma sensibilidade, digamos assim, mais crítica.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Aham.

A SRA. JANIRA ROCHA - Seja com posicionamentos mais à esquerda, seja mais à direita dentro da Câmara, mas a senhora passou a conviver — apesar do pouco tempo, 6 meses — com essa sensibilidade mais crítica. A senhora nunca achou que era um abuso contra a senhora ser a figura central da relação: ser a Deputada, ser a cantora, ser a pastora? Tanto é que o ministério tinha o seu nome.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Aham.

A SRA. JANIRA ROCHA - O ministério não era Anderson do Carmo, O ministério era Ministério Flordelis. A senhora acha normal? A senhora não achava, em nenhum momento, que era abusivo viver de mesada? Ou seja, que a senhora não tivesse ciência de nada que acontecia? A senhora deixava isso tudo na mão do filho, do esposo, e vivia de mesada. *"Ah, eu tinha 40% para poder usar com tudo o que era..."*

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Aham.

A SRA. JANIRA ROCHA - *"Eu comprava roupa. Eu comprava isso. Eu ia ao cinema com meus filhos."* A senhora não enxergava isso como um abuso? A senhora achava isso normal, sendo uma Parlamentar, sendo uma pessoa crítica?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Antes de a senhora responder, eu vou me conceder aqui 3 minutos e suspender a reunião. Em 3 minutos, retornamos.

A SRA. JANIRA ROCHA - Está bem.

(A reunião é suspensa.)



O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Excelentíssima Deputada Flordelis, V.Exa. estava com a palavra. Eu retorno a palavra a V.Exa.

A SRA. JANIRA ROCHA - Só para lembrar, não sei se ela... Em relação à questão da mesada, a senhora não achava estranho viver de mesada? A senhora não achava que isso era abusivo no seu relacionamento? A senhora era a principal figura pública, provedora, o seu nome era o provedor do que a sua família construía, mas a senhora, na verdade, tinha administradores. A senhora não tinha nem ciência total dessa administração, porque, inclusive, lembro à senhora que, no programa do Bial também, ele falou que, se o seu marido — e a senhora é casada — é sócio de alguma coisa, necessariamente a senhora tem que saber, porque a senhora assina. E ele disse que o seu marido, falecido, era sócio de uma indústria farmacêutica, e a senhora ficou... *"Eu não sabia disso."* Então, assim, viver de mesada não é abusivo para a senhora, dentro da sua concepção?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Dentro do cenário que eu estava vivendo, doutora, não, porque eu hoje estou sendo levada a ver de outra forma pelos psiquiátricas, psicólogos e neurologistas que estão me dando atendimento. Mas, até então, não, porque eu vivia fazendo as coisas de que eu gostava. Eu tinha tempo. Eu precisava de tempo para fazer as coisas que eu amo fazer. Eu caminho nas comunidades, eu vou a várias comunidades. Há poucos dias, eu fiz uma *live* até em uma das comunidades de Itaboraí, na Reta. Eu entro nas comunidades para resgate de vidas, para resgate de meninos e meninas, porque foge a informação às pessoas de que meninas também trabalham no tráfico. Quando se chega ao tráfico, à favela, às comunidades, quando a gente consegue acesso, vemos meninas de 8, 9, 10, 11, 12, 13 anos, muitas meninas aliciadas pelo tráfico. É a minha luta constante. Minha luta constante também é, quando acontecem acidentes em comunidades... e eu corro para lá para poder dar assistência, para fazer alguma coisa, porque não existe para mim estas palavras "não há mais nada a fazer". Sempre há alguma coisa que podemos fazer, e a gente pode fazer. Eu sempre tentei ajudar as pessoas. A minha vida inteira foi assim, porque eu aprendi assim com os meus pais, eu aprendi com a minha mãe. A minha vida inteira foi assim. Isso me dava esse tempo que eu precisava para fazer o que eu mais amo fazer na vida: o meu trabalho missionário — instituto, cuidar das crianças, adolescentes e também cuidar da minha casa, dos meus filhos!

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada...



A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu vou dizer para... Eu não tinha empregados. Eu mesma lavava as minhas roupas e as roupas do meu marido à mão e as roupas de alguns filhos, à mão, roupas de sair, porque são caras. Eu lavava à mão porque precisávamos economizar para poder chegar aos nossos sonhos de ter o nosso sítiozinho, a nossa casa própria, terminar de pagar a nossa casa. Isso me dava conforto. E eu confiava no meu marido. Eu não consigo ter uma relação com pessoas nas quais eu não confio. Ou eu confio... Eu, Flordelis, sou assim. Infelizmente, eu confiei demais. Mas eu continuei assim. Eu não sei lidar com ninguém. Então, eu confiava demais no meu marido e confiava demais no meu filho.

A SRA. JANIRA ROCHA - Então, a senhora... Desculpa.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Eu nunca tive dúvidas. E, quanto a essa distribuidora de medicamentos, realmente foi uma coisa que... Ele teve no passado, nós tivemos no passado amigos. Mas, quando o Bial trouxe essa informação de que ele era o dono dessa distribuidora, eu tomei um susto, porque eu não tenho conhecimento disso. Eu estou vivendo em apertos, eu estou vivendo em necessidades. Em nenhum momento eu vi isso como tratamento abusivo, pela forma como ele me tratava. Eu via como proteção, como carinho. Eu via como amor.

A SRA. JANIRA ROCHA - A senhora, então, não via, na mesada, pelo fato de a senhora ser uma Parlamentar, uma cantora internacional, que ia cantar no mundo inteiro, e a senhora lavava a roupa da própria casa para economizar dinheiro, a senhora não enxergava nisso nenhum tipo de abuso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Não. Eu fazia... Eu via como... Ele estava guardando, eu acreditava nisso, para a realização dos nossos sonhos. Eu trabalhava em prol da realização dos nossos sonhos. Um dos principais sonhos que eu tinha era comprar, era conseguir um terreno e fazer um condomínio, para que todos os meus filhos morassem perto uns dos outros, para que os meus netos fossem criados independentes, mas próximos uns dos outros. Todo mundo sabe que esse era um dos meus maiores sonhos e que eu trabalhava muito e lutava muito para a realização desses sonhos. Então, eu acreditava que o dinheiro estava sendo guardado, para que os meus sonhos se realizassem um dia.

A SRA. JANIRA ROCHA - Deputada, a senhora já sofreu algum tipo de abuso físico, de agressão física do seu marido, por parte do marido? *(Pausa.)*

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Só uma vez.



A SRA. JANIRA ROCHA - A senhora tem dificuldade em falar sobre isso?

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Foi... porque foi há muitos anos, inclusive tinha um pastor presente na nossa casa neste dia. E, como, há mais de 20 anos, nós morávamos em Jacarepaguá... inclusive foi a primeira e única vez, com a presença desse pastor, que me levou, inclusive, para a rua para conversar comigo, para me acalmar, porque eu chorava muito. E, depois disso, não houve mais nenhum tipo de agressão física do meu marido para comigo. Não houve mais.

A SRA. JANIRA ROCHA - Aí, a senhora só lembra mesmo desse mundo, dessa relação mais construída, mais joia rara que a senhora fala. (*Choro.*)

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - A senhora não tem noção do que é se doar o tempo todo. A vida inteira eu sempre... Eu amo ser útil para as pessoas, eu amo me doar. Eu posso não ser a melhor mãe do mundo, mas eu tento fazer o que eu posso. Eu não sou perfeita, eu sou cheia de defeitos. E a gente que se doa demais para o resgate de vidas, para salvar vidas, e tem alguém que, quando chega no final do dia, como eu, cansada, esgotada de ouvir pessoas pedindo ajuda, fazendo gabinete, e encontro um braço para me amparar, alguém dizendo que me ama, que eu sou especial, que eu sou o centro das atenções daquela pessoa... a senhora não tem noção de como isso é importante para a gente. Então, eu não via dessa forma que os psiquiátricas hoje falam. Pelo contrário, isso me dói muito. Dói-me demais saber que eu não fui tão amada quanto eu achei que eu era, que eu não fui tão especial como eu achei que era, que eu não fui tão única como achei que eu era. (*Choro.*) Eu ainda estou em tratamento. Não vou mentir nem para a senhora nem para os senhores que, apesar de saber das coisas monstruosas que o meu marido fez com a minha filha, mesmo com câncer — não queiram ter na casa de vocês um ser humano com 35 tumores de câncer, gritando, chorando —, saber que, durante esse período, ele não respeitava a minha filha. (*Choro.*) Mesmo sabendo dessas monstruosidades, Presidente... Eu estou em tratamento porque eu ainda sinto falta do meu marido. Isso é uma doença, e já reconheci que é e que eu preciso ser tratada, inclusive, fui aconselhada... Eu tenho vários pedidos de namoro, casamento. Isso é, não é? Mesmo passando por toda a situação, flores que eu recebo por via... que eu recebo. E pedidos de namoro até pelo WhatsApp. E eu fui aconselhada até pela minha psiquiatra a me interessar por alguém. (*Choro.*) Porque a dependência que eu tenho do meu marido ainda me faz sofrer muito. E eu reconheço que é uma doença que precisa ser tratada.



A SRA. JANIRA ROCHA - Terminou? (*Pausa.*)

Sem mais perguntas, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Ilustre Relator, V.Exa. quer fazer alguma consideração? (*Pausa.*)

Não havendo mais quem queira usar a palavra, declaro finalizada a oitava...

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Presidente, eu posso falar só uma coisinha para o Relator?

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Pois não.

A SRA. FLORDELIS (Bloco/PSD - RJ) - Posso, Relator? (*Pausa.*) É... eu não fui julgada. Esse pedido de cassação é injusto, é cruel! Eu ainda não fui a júri. Esse crime não tem nada a ver com decoro parlamentar. Hoje eu tenho uma bandeira que eu quero muito levantar. Quero alertar as mulheres deste País para se amarem mais e tomarem cuidado ao amar alguém cegamente como eu amei. Como a Flordelis, com certeza existem outras mulheres que precisam ser lembradas, alertadas para isso, para que não sofram como eu estou sofrendo agora. E, também como mãe, quero alertar as mães a não amarem demais um homem e esquecerem de prestar atenção no que está acontecendo com seus filhos dentro da sua casa. Essa é uma bandeira que eu quero levantar. E esse pedido de cassação vai me tirar esse direito de lutar por essa causa também. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Obrigado, Deputada Flordelis.

Não havendo mais quem queira usar a palavra, declaro finalizada a oitava da Deputada e...

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Pois não, Relator.

O SR. ALEXANDRE LEITE (Bloco/DEM - SP) - Neste momento, eu declaro encerrada a instrução.

O SR. PRESIDENTE (Hiran Gonçalves. Bloco/PP - RR) - Agradeço a presença dos Srs. Parlamentares e dos demais presentes.

Antes de encerrar, convoco reunião para a próxima terça-feira, dia 18 de maio, destinada a: primeiro, oitiva do Deputado Daniel Silveira, representado no processo referente à Representação nº 1, de 2021, da Mesa Diretora; segundo, oitiva das Deputadas



Benedita da Silva e Talíria Petrone, testemunhas arroladas pelo Deputado João Marcelo Souza, Relator do processo em desfavor do Deputado Coronel Tadeu.

Está encerrada a reunião.

Boa noite a todos. Tenham um excelente final de semana.